

# As Sete Bem-aventuranças no Apocalipse

*Prof. Dr. Isidoro Mazzarolo*

## RESUMO

*O livro do Apocalipse surpreende ao colocar em seu texto palavras de esperança tão claras e tão fortes como as bem-aventuranças. Essa linguagem não é característica do gênero literário apocalíptico e por isso se torna mais evidente quando aparecem nesse tipo de texto. No caso do apocalipse, a linguagem mais característica é a da “visão”. O nosso redator transmite no texto o que “viu”, tudo o que narra é resultado de uma revelação que passa pelo “ver” (cf. 1,11 ὁ βλέπεις γράψον...- o que vês, escreve...*

*Palavras-chave: Apocalípse, revelação, esperança.*

## ABSTRACT

*The book of the Apocalypse surprises upon putting in its text, words of hope so clear and so strong as the Beatitudes. This language is not a characteristic of the apocalyptic literary genre and that is why it turns to be more evident when they appear in this type of text. In the case of apocalypse, the language more characteristic is that of “vision”. Our essay writer transmits in the text what he “saw”, all that he narrates is a result of a revelation that passes through “seeing” (cf. 1,11 ὁ βλέπεις γράψον...- what you see write...*

*Key-words: Apocalypse, revelation, hope.*

## 1. INTRODUÇÃO

O livro do Apocalipse surpreende ao colocar em seu texto palavras de esperança tão claras e tão fortes como as *bem-aventuranças*. Essa linguagem não é característica do gênero literário apocalíptico e por isso se torna mais evidente quando aparecem nesse tipo de texto. No caso do apocalipse, a

linguagem mais característica é a da “visão”. O nosso redator transmite no texto o que “viu”, tudo o que narra é resultado de uma revelação que passa pelo “ver” (cf. 1,11 ὅ βλέπεις γράψον...- o que vês, escreve...).<sup>1</sup>

As Bem-aventuranças podem ser consideradas um elemento acidental ou extraordinário em obras do gênero apocalíptico. Desta forma, ainda que conservando toda a estrutura da visão, da revelação, julgamento e do estilo próprio, o Apocalipse apresenta quatro bem-aventuranças, uma no começo e três mais no final do livro (1,3; 16,15; 20,6; 22,7). As bem-aventuranças, no contexto do Apocalipse, aproximam o leitor ou ouvinte daquilo que lhe é dado a conhecer e deixam ao seu critério uma resposta: a pessoa que *conhece ou escuta* está posta diante de uma condição de auto-julgamento, tendo sempre duas opções, de um lado a felicidade e do outro a condenação. Aquele que toma uma posição favorável ao *testemunho do vidente*, se tornará feliz, o que se colocar contra será infeliz. As bem-aventuranças colocam nas mãos do ouvinte o problema e também a solução. Antes de tratar das bem-aventuranças, faremos uma ambientação na abertura do livro.

### 1.1. Alguns conceitos de Apocalipse

Ἀποκάλυψις (*apokalypsis* é um termo de origem profana com o sentido de descobrir, destapar ou mesmo revelar.<sup>2</sup> O termo está presente no AT com o significado primordial de caracterizar a revelação, as manifestações ou a epifania de Deus (1Sam 3,21; Am 3,7; Is 56,1). No NT, além de assumir uma conotação mais escatológica, o eixo axial é a revelação de Jesus Cristo (2Ts 1,7; 1Cor 1,7-8; Rm 8,19).<sup>3</sup>

O conceito é usado para referir à comunicação de Deus com os humanos<sup>4</sup>. Algumas vezes a revelação se faz com vínculos a promessas ou intenções da parte de Deus (cf. At 2,11). Os filósofos ficam intrigados quando, conforme narrativas ou experiências de revelação, acontece como forma de

<sup>1</sup> MAZZAROLO, I., *O Apocalipse, esoterismo, profecia ou resistência?* Rio de Janeiro, Mazzarolo editor, 2000, p. 30-31.

<sup>2</sup> HOLTZ, T. “Ἀποκάλυψις”, in: BALZ, H., SCHNEIDER, G., *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, Band I, Stuttgart, Berlin, Kohlhammer GmbH, 1980.

<sup>3</sup> PRIGENT, P., *l'Apocalisse di S. Giovanni*, Roma, Borla, 1985, p. 15.

<sup>4</sup> ILLUSTRATED DICTIONARY & CONCORDANCE OF THE BIBLE, “Revelation”, New York/London, Macmillan Publishing Company, 1986.

violência ou interferência na vida humana.<sup>5</sup> Numa visão mais corriqueira, o apocalipse é uma revelação que se apóia em realidades misteriosas.<sup>6</sup> Um outro elemento, característico da apocalíptica, é a indicação de coisas que devem acontecer, que estão por vir, em uma linguagem de símbolos. O autor se refere a estes eventos vindouros como algo que ele está antecipando, pois lhe foi dado a ver por Deus. A explicação de ἀποκάλυψις, no dicionário grego, é comunhão com a mística ou mistérios divinos<sup>7</sup>.

A revelação não possui um valor em si mesma, mas no seu significado, de tal forma que, quando o vidente narra a revelação, ele necessita descrever a visão e todo o seu conjunto de símbolos que ela envolve (normalmente mostrada por Deus). O apocalipse tem uma característica específica da expectativa dos últimos e derradeiros dias do mundo – normalmente através de fenômenos espantosos, marés catastróficas, desabamentos de montanhas, incêndios, violências e ambiente indescritível (cf. 6-9).

A revelação sempre tem um caráter de transmissão de algo a alguém; aquilo que é passado para um, em forma de revelação, interessa também ao(s) outro(s): “Não tenhais medo deles, portanto, pois nada há de encoberto que não venha a ser descoberto, nem de oculto que não venha a ser revelado. O que vos digo às escuras, dissei-o à luz do dia – o que vos é dito aos ouvidos, proclamai-o sobre os telhados” (Mt 10,26-27).

A revelação nem sempre é “re-revelação”, pois, não raro, esconde, confunde, suspende o juízo. Os textos apocalípticos, em geral, envolvem uma grande dose de mistérios, de incógnitas, perguntas e poucas respostas. Algumas vezes é a linguagem, outras é a fenomenologia cósmica e por vezes é a decodificação das imagens e símbolos que dificulta uma clareza na revelação. O apocalíptico vincula duas realidades em tensão: o já e o ainda não; o imanente e o transcendente; o mundo presente e o escatológico. A afirmação que Pedro faz a respeito de Jesus, dizendo que ele era o Cristo (Mc 8,29) tem um caráter apocalíptico-profético, mas também revela uma “não-revelação”, visto que o entendimento ainda não era perfeito, pois quando Jesus faz o primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31-33), a reação de Pedro

<sup>5</sup> ILLUSTRATED DIC., idem.

<sup>6</sup> GHEERBRANDT, A. *Dicionário de Símbolos*, “apocalipse”, Rio de Janeiro, José Olympio, 8ª., 1994.

<sup>7</sup> ΕΠΙΤΟΜΟΝ ΛΕΞΙΚΟΝ ΤΗΣ ΕΛΛΗΝΙΚΗΣ ΓΛΩΣΣΗΣ, “ἀποκάλυψις” Athenas, Dimitrakos, 1969, tem como significado ἀνακοίνωσις μυστικῶν, θεϊῶν μυστηρίων.

indica que ele ainda não tinham entendido nada. A apocalíptica bíblica tem sempre um elemento fundante que é o religioso, visa fundar uma comunidade no tempo presente, mas voltada para a comunidade escatológica.<sup>8</sup>

A “re-velação” pode ser também uma proteção, como no ato de revelar o inimigo e proteger, esconder ou camuflar o amigo, a fim de que não seja a “próxima” vítima. Esta é uma estratégia, tipicamente, apocalíptica. A revelação exige uma grande capacidade de entendimento e decodificação dos mecanismos da Besta. A Besta tem seus códigos, sua linguagem, seus trustes. O ingênuo acredita na “sinceridade camuflada”, na linguagem falaciosa e nas promessas da Besta. Desta forma, o vidente não pode ser confundido com um sonhador, com um delirante ou paranóico. Ele é uma figura inteligente, racional, de percepção e olhar aguçado, que é capaz de equacionar rapidamente os números, os movimentos e os resultados planejados pela Besta.

O vidente cumpre um papel social muito importante, quer seja no quadro religioso, quer no campo sócio-político. Ele tem, como ponto de partida, uma utopia, que é a felicidade, a plenitude e o bem, mesmo dentro de um quadro de dificuldades quase insolúveis. À medida que percebe a violação destes conceitos e paradigmas, ele entra em cena, assumindo todos os riscos decorrentes. Assim sendo, ele, conhecedor dos perigos e das circunstâncias, usa uma linguagem codificada. Seus vaticínios não podem ser abertos e explícitos, necessitam de estratégias especiais a fim de alcançar os objetivos. Como eles irão passar, através de códigos, uma mensagem, é uma questão que nem sempre encontra resposta. À medida que a decodificação das visões se torna conhecida, o perigo de ser capturada é cresce. Há sempre, na linguagem apocalíptica, uma tensão entre o revelar e o conservar escondido, dizer tudo, mas que nem todos entendam.

### 1.2. A apocalíptica no universo antigo

No final da narrativa da Segunda Batalha de Moytura, a Morrighu celta, ou deusa da guerra, ela profetiza sobre o *fim do mundo*: confusão das estações, corrupção dos homens, decadência das classes sociais, maldade,

<sup>8</sup> HOLTZ, T, “ἀποκαλύψις”, in: BALZ, H., SCHNEIDER, G. (Org.), *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, Band I, Stuttgart, Kohlhammer, 1980.

relaxamento dos costumes. Esse mesmo esquema é retomado, com grande riqueza de detalhes, pelo texto intitulado *Diálogo dos dois sábios*, redigido em língua rebuscada e difícil dos poetas irlandeses medievais. Pode-se aproximar esse conceito do Apocalipse bíblico de João e, também, da frase de Estrabão ao referir que, segundo os druidas, durante um dia reinarão unicamente o *fogo e a água*.<sup>9</sup>

Os druidas (dru = sábio) + (uid = árvore). A árvore indica também força, por isso os druidas (sábios celtas) se diziam possuidores da sabedoria e a força.<sup>10</sup> Há quem veja nesses sábios figuras semelhantes aos sábios brâmanes, na Índia. Eles são sacerdotes que usam doutrinas metafísicas. Os druidas, como um caso único na Europa Ocidental, constituem um movimento de sacerdotes organizados hierarquicamente: sacerdotes sacrificadores, adivinhos, satiricistas, vaticinadores ou especialistas em ciências físicas.<sup>11</sup> A Irlanda conhece toda a espécie de adivinhação e sátira.

As sibilinas, textos gregos, que correm o mundo Persa, Grego e Egípcio preconizam o fim dos tempos com violência e muitas guerras entre os povos pela manutenção da hegemonia do poder (parece já estar acontecendo). No mundo bíblico, Daniel, Ezequiel e muitos outros profetas colocaram, em suas profecias, oráculos apocalípticos. No mundo cristão as revelações podem também ser chamada de teofanias (AT com Moisés, Abraão e outros). A Revelação divina se plenifica no mundo com a vinda de Jesus Cristo. “Todas as coisas me foram reveladas pelo meu Pai, e ninguém conhece o Filho a não ser o Pai. Por outro lado, ninguém conhece o Pai a não ser o Filho ou aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11,27). Jesus é aquele que possui e encarna a Sabedoria do Pai.

### *1.3. Apocalíptica e sofrimento*

A conclusão das bem-aventuranças (Mt 5,11-12) não deixa muito claro o caminho do ser humano na história. Ele parece estar permeado de conflitos e sofrimentos. O caminho profético está repleto de paradoxos: de um lado está a vocação como proposta de realização humano-divina; do outro,

---

<sup>9</sup> GHEERBRANDT, idem.

<sup>10</sup> GHEERBRANDT, “druidas”.

<sup>11</sup> GHEERBRANDT, ibidem.

a perseguição, difamação e calúnia. Em todos os tempos, a apocalíptica foi mais forte nos períodos de sofrimento, perseguições e ameaças à integridade da pessoa e estabilidade da ordem social.

O apocalipse de João está num momento forte de sofrimento dos cristãos perseguidos pela sinagoga e pelo império. A Besta tem sete cabeças e dez chifres (Ap 17,7.10-12)<sup>12</sup>. Na 1Pd 2,11 os cristãos do Ponto e da Bitínia eram como gente sem identidade, sem passaporte e sem terra (παροικίοι καὶ Παρηπίδημοι – paroikoi são os que estão junto à casa, mas moram fora dela; parêpidêmoi são os que estão junto ao povo, mas moram no lixão, embaixo da ponte, fora da cidade onde está o povo).

#### 1.4. Apocalíptica e profecia

O apóstolo Paulo interpreta a sua vocação como uma missão através da revelação de Jesus Cristo (1Cor 9,1-3). Vocação, missão e profecia podem ser frutos da revelação. Desta forma a apocalíptica, como revelação, não é só o “fim”, mas também o jeito de um começo, a forma de desenvolvimento da missão e da responsabilidade no aqui e agora: “Com efeito, eu vos faço saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, pois eu não o recebi, nem aprendi de algum homem, mas por revelação de Jesus Cristo” (Gl 1,11-12). Em outro texto, Paulo justifica sua vocação, diante de opositores, asseverando que ela procedia de um próprio mandato de Jesus, pois ele viu o Senhor Jesus (1Cor 9,1). A vocação, entendida como revelação, exige um cumprimento do mandato divino a respeito da pessoa: “Ninguém arrebatará de mim esse título de glória! Anunciar o evangelho não é um título de glória para mim, antes, uma necessidade que se me impõe. Ai de mim se eu não evangelizar” (1Cor 9, 15c-16).

O profeta Jeremias, como alma transparente da antropologia bíblica, revela sua vocação desde o ventre materno (Jr 1,5-10). Aquele que chama também determina: “Tu cingirás os teus rins, levantar-te-ás e lhes dirás tudo

---

<sup>12</sup> As sete cabeças representavam as sete Colinas sobre as quais estava fundada a cidade de Roma. Os dez chifres seriam seus dez imperadores, que compreendem desde Calígula (37-41 d.C.) até Adriano (117-138 d.C.). Em dez cabeças deveriam estar quatorze chifres, mas estes dez revelam a anomalia do poder, que faz sofrer, que oprime e fere de morte (cf. Mazzarolo, I. *Apocalipse, esoterismo, profecia ou resistência*, Rio de Janeiro, Mazzarolo editor, 2000, p. 15.

o que eu te ordenar. Não tenhas medo deles, para que não te faça ter medo deles. Quanto a mim, eis que te coloco, hoje, como uma cidade fortificada, como uma coluna de ferro, como uma muralha de bronze, diante de toda a terra” (Jr 1,17-18a). Enquanto os maus prosperam (Jr 12,1) e estão tranquilos como as vacas de Basã deitadas em sofás de marfim (Am 4,1), os pobres e os profetas são perseguidos (Jr 20,10).

João, o autor do Apocalipse (cf. 1,4), cumpre um papel extremamente profético ao anunciar, escrever e revelar ao povo (sete comunidades = uma totalidade, portanto, todos os cristãos, não apenas as igrejas da Ásia Menor) os perigos da sinagoga e do império romano. João mostra como os inimigos destas igrejas atuavam e de quantas formas eles podiam colocar em risco a fé, a vida e a dignidade dos cristãos. Por outro lado, ele denuncia a falsidade das correntes infiltradas nos ambientes cristãos, as quais tinham o papel de caluniar diante do Império aqueles que eram tidos como hereges (*minim*).

### 1.5. Julgamento

A estrutura fundamental da apocalíptica é o caráter de julgamento, de expectativa final e de esperança da vitória da verdade.<sup>13</sup> Ao escrever à comunidade de Corinto, Paulo pede que eles sejam cumulados dos dons divinos para que a revelação de Nosso Senhor Jesus Cristo, esperada por eles, fosse recebida de modo pleno (cf. 1Cor 7).

Em forma de revelação vem também uma ameaça sobre a história. Retomando Is 5 e Ha 2,6-20, Jesus faz uma execração sobre a hipocrisia dos fariseus como revelação de sua soberania e julgamento da história (Mt 23,13-39). Ninguém escapará do julgamento da geena (Mt 23,33). O castigo ou a sorte, na forma apocalíptica, está vinculado ao julgamento da própria conduta (Lc 16,19-31). Ao pobre, que sofreu em vida coube agora a bem-aventurança e ao rico que a vida deixou gordo e farto, cabem agora os tormentos. Salvação ou condenação já estão como revelação na história (Mt 25,31-46).

---

<sup>13</sup> HOLTZ, T, “ἀποκαλύψεις”, in: BALZ, H., SCHNEIDER, G. (Org.), *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, Band I, Stuttgart, Kohlhammer, 1980.

### 1.6. Apocalíptica e resistência

Todo e qualquer sofrimento, ofensa ou prejuízo pode provocar ou transformar uma proposta de vida em fracasso, desânimo ou desistência. A apocalíptica é uma catequese da resistência, do fortalecimento das opções e da apresentação de propostas estratégicas como saída e solução. No sofrimento, a escatologia fica mais forte, a esperança de julgamento e intervenção divina na história se torna mais incisiva. No Apocalipse, a Besta e a Prostituta que se embriagava com o sangue dos santos (Ap 17,6), a qual se julgava capaz de subir do Abismo por sua própria conta, agora já não existe, ela foi derrotada (Ap 17,8). Esta derrota da Prostituta encoraja os sofridos e perseguidos a lutar, sobreviver e resistir até o fim, pois a vitória não será do Dragão, mas do Cordeiro, o qual convidará as testemunhas santas fazer parte de sua ceia de núpcias (Ap 19,1-10).

### 1.7. Apocalíptica e esperança

A esperança é também a sabedoria da resistência, visto que a expectativa do Reinado de Deus sustenta a história.<sup>14</sup> Se o já é também o “ainda não”, toda a sabedoria, prudência e esperança confortam aqueles que a vida transforma em vítimas, em fracos ou derrotados. A fé, a esperança e a caridade são as três grandes virtudes na história, no entanto, ao chegar a realidade da promessa, a esperança deixa de ser (1Cor 13,13).

O Apocalipse fortalece a esperança com a visão escatológica da vitória do Cordeiro, a derrota da Besta (Ap 17,1-22,5).

## 2. A REVELAÇÃO E O VIDENTE

### 2.1. Revelação de Jesus Cristo dada por Deus

A revelação de Jesus Cristo, ao mesmo tempo que indica de quem, também determina a origem. Esta forma de determinar que a Revelação tem

<sup>14</sup> HOLTZ, T, “ἄποκαλύψις”, in: BALZ, H., SCHNEIDER, G. (Org.), *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, Band I, Stuttgart, Kohlhammer, 1980.

procedência se chama de genitivo objetivo ou genitivo de função.<sup>15</sup> Neste caso, o genitivo é também um atributivo ou então um predicativo, muito importante para o uso neotestamentário. Esta forma do uso do genitivo atributivo é também usada por Paulo: a justiça de Deus (Rm 1,17); a justiça daquele que crê (Rm 4,17); em Lucas encontramos também a expressão: o amor de Deus (Lc 11,42); de forma análoga em Jo 5,42. Este é um grande recurso literário para expressar a determinação de algo, ora em forma objetivo, ora em forma subjetiva, nisto que é chamado de genitivo objetivo ou subjetivo.<sup>16</sup>

Primeiramente o título Jesus Cristo se constitui em um título cristológico pós-pascal. O autor está referindo e ao mesmo tempo, definindo Jesus como o Cristo. Marcos 1,1 e a conotação cristológica do NT também se referem a Jesus Cristo como o ressuscitado pelo Pai, que superou a morte e instaurou a vida At 2,32; 1Cor 15,14. Há uma grande diferença no fato de aplicar a Jesus o título de Cristo, como o ungido. Mesmo sem entrar na realidade dogmática da determinação cristológica, muitos estudiosos quiseram ver no Cristo, como o Cordeiro, uma síntese dos símbolos fundamentais do universo: o céu e a terra, por suas duas naturezas – a divina e a humana; o ar e o fogo, por sua ascensão e descida aos infernos; o túmulo e a ressurreição.<sup>17</sup>

A cruz estabelece um eixo axial plantado na terra e erguido para o alto na direção dos céus. Ele é o Senhor, o Rei, o Pantocrator e o Eleito. Ele é, ao mesmo tempo, o altar e o Cordeiro do sacrifício de uma aliança melhor, com a superação do sacerdócio levítico e levando à perfeição todas as coisas (cf. Hb 7-9). O Cristo encerra em si todos os símbolos da verticalidade, da salvação, luz, vida. Ele é a opção oposta da sombra, da noite e do pecado, realidade espelhada na sua agonia, dor e morte, evidentemente, superadas pela sua conduta e ressurreição.

O simbolismo do monograma Jesus Cristo, na Igreja primitiva, era tomado das duas letras gregas iniciais “I” para (*Ihsouj*) e “X” de (*Cristo,j*), mas a partir da era constantiniana tomam-se as duas iniciais gregas de Cristo, XP (P = r). A palavra Cristos, a partir do verbo “*χρίω*” indica passar óleo, passar

<sup>15</sup> BLASS, F., DEBRUNNER, A., REHKOPF, F., “Χριστος,” *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch*, #163.1, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1984.

<sup>16</sup> BLASS, F., DEBRUNNER, A., REHKOPF, F., *Ibid.*

<sup>17</sup> GHEERBRANDT, A. *Dicionário de Símbolos*, “Cristo”, Rio de Janeiro, José Olympio, 8ª., 1994

ungüento, ungir, ungido.<sup>18</sup> No contexto bíblico, esta terminologia já procede do AT, onde encontramos um ambiente carregado de sentido teológico.

A expressão “*mashiha*” indica aquele que é ungido. O verbo traduz quatro significados e sua tradução depende do contexto de cada um: ação de passar, passar óleo num escudo, pintar algo e aplicar óleo no corpo.<sup>19</sup>

Fora do contexto bíblico (LXX e NT), o verbo “*chriô*” não se aplica nunca a pessoas. É apenas no contexto bíblico que o fato de ungir (passar óleo), passa ao contexto da pessoa.<sup>20</sup> No contexto veterotestamentário o sentido do termo teológico é quádruplo:

1. Ungir alguém ou algo significava separar oficialmente o que fora ungido para o serviço divino. Moisés unge Aarão para consagra-lo ao Senhor (Lv 8,12). A expressão é “ungiram ao Senhor (1Cron 29,22). Mashah pode representar uma posição de honra, mas também um aumento de responsabilidade. Davi, por ser ungido, é convocado a prestar conta de seus atos como rei (1Sm 15,17; 2Sm 12,7).

2. Ungir, enquanto o agente da unção possa ser um sacerdote ou um profeta. Neste caso, os escritores sagrados referem como sendo aqueles a quem o Senhor unge (1Sm 10,1). O sentido expresso neste conceito é de que Deus é o agente da unção, ficando o ungido marcado com um caráter inviolável (1Sm 24,8) e deve ser tido com a maior consideração (1Sm 26,9).

3. Deus toma posse do seu ungido, como forma de capacitação divina a quem unge: “o espírito do Senhor se apossou deles” (referindo-se a Saul e Davi (1Sm 10,6; 16,13).

4. O ungido é associado à figura do libertador que viria. Esta associação é muito clara ao se observar a expectativa de um governante justo e cheio do Espírito (Is 9,1-7; 11,1-5; 61,1-2).<sup>21</sup>

<sup>18</sup> HAHN, F., “Χριστός”, in: BALZ, H., SCHNEIDER, G., (org.), *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament, Band II*, Stuttgart, Kohlhammer, 1981.

<sup>19</sup> HAMILTON, V. P., מָשַׁח in: HARRIS, R., L., et. alii, *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*, São Paulo, Vida Nova, 1998.

<sup>20</sup> HAHN, F., “Χριστός”, in: BALZ, H., SCHNEIDER, G., (org.), *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament, Band II*, Stuttgart, Kohlhammer, 1981.

<sup>21</sup> HAMILTON, V. P., מָשַׁח in: HARRIS, R., L., et. alii, *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*, São Paulo, Vida Nova, 1998.

O Messias é o ungido do Pai, capaz de fazer-se obediente até à morte para realizar um projeto de redenção (Fl 2,5-11). Ele é o Filho do Homem que inverte a lógica do poder, assumindo a condição do preço da libertação, assim ele dá a vida como resgate (Mc 10,45).<sup>22</sup> Na lógica do messianismo cristão, tudo o que Jesus realiza não tem precedentes, não há arquétipos, nem conceitos anteriores. Ele se apóia na vocação profética, não raro, uma vocação marginal e dispensa a unção do óleo, requer apenas a unção do Espírito (cf. Lc 4,18-19).

Na teologia joanina, o título de “ungido” parece oferecer ao redator uma reprodução suficiente e plena do significado Jesus.<sup>23</sup> Avançando um pouco mais, Kümmel afirma que nas expressões de André: “Achamos o Messias” (Jo 1,41); do próprio Jesus à Samaritana: “sou eu, aquele que fala contigo” (Jo 4,25ss); como também na afirmativa de Marta: “Eu acredito que tu és o ungido, o Filho de Deus que vem a esse mundo” (Jo 11,27) e outras, aparecem as exigências divinas para a fé, ampliando muito o horizonte e as expectativas judaicas do Messias. Aqui ele vai surgir como o portador da salvação.<sup>24</sup>

Discordo de Kümmel quando ele afirma que na teologia joanina não há nenhuma autonomia no conceito de ungido ou de Messias. Kümmel diz: “João depende totalmente do AT e esse título não nos pode ensinar nada, além do conceito de Jesus como o portador escatológico da salvação”.<sup>25</sup> Essa compreensão da cristologia ou do messianismo joanino, sustentada por Kümmel, é muito reducionista e empobrecedora. João pode mostrar um ungido escatológico no Apocalipse, mas no Evangelho nos deixa clara uma figura de um messias terreno. Em 2,1-10 nas Bodas de Caná, Jesus não é escatológico, é absolutamente humano, ainda que esteja agindo como ungido.

---

<sup>22</sup> No judaísmo, quer veterotestamentário, quer neotestamentário, os conceitos de Messias podem variar e diferir significativamente dos conceitos cristãos. No judaísmo antigo o libertador do inimigo é sempre um ungido (Ciro, Esdras, ...); na comunidade de Qumram o Mestre da Justiça é um certo messias em potencial. No movimento dos zelotas, o messias seria alguém que libertasse Israel diante do império romano. Mesmo Pedro, quando afirma que Jesus é o Cristo, na conceituação dele está algo diferente do que no pensamento ou na compreensão de Jesus (cf. Mc 8,27-30).

<sup>23</sup> KÜMMEL, G. W., *Síntese teológica do Novo Testamento de acordo com as testemunhas principais* □ *Jesus, Paulo e João*, São Paulo, Teológica/Paulus, 2003, p. 328.

<sup>24</sup> KÜMMEL, G. W., *Idem*, p. 329.

<sup>25</sup> KÜMMEL, G. W., *Idem*, p. 330.

Ele está preocupado com a situação sócio-econômica dos pobres que não têm condições de celebrar uma festa de casamento, em virtude da “distração” ou da falta de sensibilidade do “mestre-sala”, que neste caso representa as instituições judaicas. De modo análogo em 2,13-22 quando Jesus faz a purificação do Templo de Jerusalém. Sob a ótica do messianismo judaico, Jesus jamais usaria a violência contra a “própria casa”. E para ampliar o conceito novo de messias em João, tomemos o relato do “lava-pés” 13,1-17, no qual Jesus, sendo o Mestre e Senhor, assume a condição do servo para ensinar uma nova pedagogia de fraternidade, justiça e solidariedade. Podemos concluir, contra a opinião de Kümmel, que todo o messianismo neo-testamentário, não obstante o significado proceda de textos proféticos do AT, ao serem relacionados com Jesus ressuscitado (o Cordeiro), encontra um novo conceito, uma nova visão e novas formas de aplicação, muito mais universais, muito mais humanas e muito mais arraigadas no poder divino.

Essa revelação foi dada<sup>26</sup> por Deus. O vidente, o vocacionado ou o profeta não cria, não gera e não domina a revelação. Ele entra na visão, mas não perde o controle, a racionalidade ou a autonomia. Na Bíblia a revelação procede do alto, da divindade e de fora do ser humano. Na revelação estão mistérios, incógnitas, enigmas que exigem esclarecimentos.

O vidente, não podendo possuir ou reter essa revelação (cf. 22,10) necessita saber o que Deus quer dele e daquilo que lhe revela. Neste caso, ele precisa mostrar (δείξει = mostrar, revelar, indicar, expor) aos servos de Deus. Como mostramos acima, o manuscrito Sinaitico substitui o termo servos por santos. Para Paulo, todos os que se dedicam ao Evangelho e estão comprometidos com ele, são “santos”, mais do que servos, especialmente ao referir-se aos apóstolos (Rm 1,7; 15,25.31; 1Cor 1,2; 16,15). Na sua relação com Cristo, encontramos três auto-definições: ἀπότολος, δουλός, δεσμμός (Rm 1,1; 1Cor 1,1; 2Cor 1,1; Fl 1,1; Fm 1,9)<sup>27</sup>. Ele se chama servo, mas aos cristãos chama santos... João seria designado servo, ele mesmo (Ap 1,1). O servo tem uma missão especial, no estilo dos profetas do AT.<sup>28</sup>

<sup>26</sup> A revelação não é propriedade de quem recebe mas de quem a dá ou torna conhecida. Esta revelação de Jesus foi dada por Deus ao vidente. Ele tem uma missão com essa revelação.

<sup>27</sup> HAHN, F., “Χριστός”, in: BALZ, H., SCHNEIDER, G., (org.), *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament, Band II*, Stuttgart, Kohlhammer, 1981.

<sup>28</sup> PRIGENT, P., *l'Apocalisse di S. Giovanni*, Città di Castello, Borla, 1985, p. 17.

O vidente anuncia coisas de *devem acontecer em breve* δεῖ γενέσθαι ἐν τάχει. O que é essa brevidade? O que significa essa “necessidade”, esse “dever acontecer”? Trata-se de realidades iminentes, concretas ou de coisas hipotéticas? O vidente está projetando ou traduzindo esta visão num caráter coletivo ou individual?

Bodriñan afirma que o acontecer cria uma tensão no ouvinte.<sup>29</sup> Se a linguagem é enigmática, como podem os ouvintes saber o que significam essas coisas que “devem” acontecer, visto que ele usa a expressão “δεῖ” – 3ª. sing. de de,w – sucede, deve, necessita, normalmente construído com o infinito.<sup>30</sup> Essa necessidade é colocada numa previsão cronológica imediata “τάχει” – rápido, breve, imediato.<sup>31</sup> O anúncio do fim é feito a seu modo pelo vidente, cabe ao leitor entender ou decodificar a dimensão de brevidade, de futurismo ou de simbolismo desta dimensão cronológica do fim. Há uma encruzilhada difícil diante da qual se faz mister optar, mas por onde ir, qual o caminho a seguir? Faz-se necessário ainda definir ou distinguir o que vai acontecer logo e o que vai ser futuro distante, longínquo e indeterminado?

Com a expressão δεῖ γενέσθαι ἐν τάχει (isso vai acontecer breve) é uma condicional, deve, necessita, mas essa brevidade de tempo está indefinida. O retorno de Jesus, demorado demais, estava causando um cansaço nos cristãos no final do primeiro século. A parusia imediata e iminente (1Ts 4,13-18) estava sendo adiada para uma data remota e longínqua. Como afirma Läpple, uma inquietude apocalíptica tomava conta dos cristãos e afetava espírito das comunidades, as quais depois da sentença de Pilatos na morte de Jesus, passaram a ter uma relação jurídica e legalista com o império romano: “Daí a César o que é de César...” (Mc 12,17).<sup>32</sup>

Δεῖ γενέσθαι ἐν τάχει não seria uma determinação cronológica e sim kairótica do tempo. Esse kairós estabelece um tempo favorável da parte de Deus, da sua assistência e graça, mas não significaria uma medida de tempo mensurável. Para as correntes radicais, milenaristas e fundamentalistas esse

<sup>29</sup> BODRIÑAN, Cláudio, *Apocalise, una lectura sociopolítica*, Roma, Gregoriana, 1993 (tese de doutorado não publicada), p. 77.

<sup>30</sup> BONAZZI, Benedetto, “δεῖ”, in: *Dizionario greco-italiano*, Napoli, Alberto Morano editore, 1943.

<sup>31</sup> PRIDIK, K. H., “ταχέως”, in: BALZ, H., SCHNEIDER, G., (org.), *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament, Band II*, Stuttgart, Kohlhammer, 1981.

<sup>32</sup> LÄPPLE, A., *l'Apocalypse de Jean*, Paris, Cerf, 1970, p. 44.

prolongamento da expectativa escatológica inquietava e colocava em crise a fé. O “já” dos primeiros eventos parecia exigir de modo imediato o “ainda não”, cujo acontecer pertence à sabedoria divina e está fora do alcance humano. Esta cifra de tempo permitia uma rápida revisão e retomada das Escrituras, da história presente e de expectativas para o futuro. Assim, a revelação que João recebe (Ihe é dada de graça) permite um olhar para trás, enquanto recapitula as Escrituras e a missão de Jesus; uma compreensão profética da história e de seu tempo, enquanto ele conhece a situação das comunidades e os problemas que as mesmas enfrentam diante do império e da sinagoga; finalmente, fazer uma prospectiva a partir da própria visão, construindo uma esperança, uma resistência e uma sabedoria de vida na fidelidade ao Evangelho e à revelação de Jesus.

A grande maioria dos autores busca aqui uma luz na interpretação que Daniel faz dos sonhos perturbados de Nabucodonosor (Dn 2,1) e sua grande preocupação em decodificá-los: “O mistério que o rei procura desvendar, nem os sábios, nem os adivinhos, nem os magos, nem os astrólogos podem dá-lo a conhecer ao rei, mas há um Deus no céu que revela os mistérios, e que dá a conhecer ao rei Nabucodonosor o que deve acontecer no fim dos dias. Teu sonho, e as visões da tua mente sobre o teu leito, ei-los aqui – Enquanto estavas sobre o teu leito, ó rei, acorriam-te os pensamentos sobre o que deveria acontecer no futuro, e aquele que revela os mistérios te deu a conhecer o que deve acontecer. Quanto a mim, este mistério me foi desvendado, não porque eu tenha mais sabedoria que os outros viventes, mas para se manifestar ao rei a sua interpretação, a fim de que possas conhecer os pensamentos do teu coração” (Dn 2,27-30). Esta visão e interpretação estão dentro de uma condicional de tempo, uma previsão do surgimento do império persa e o fim do reinado babilônico. Os sinais deste evento se aproximam passo a passo e a surpresa vem com o seu acontecer.

Esta revelação de Jesus Cristo é a revelação do Pai. Jesus, em sua missão, manifestou o Pai ao mundo, modificando muito a imagem de Deus veterotestamentária, onde emergem, não raro, conceitos de um Deus terrível (Gn 35,5; Ex 19,9-25; Ex 23,27; Is 2,19.21). É mais um Deus que expulsa e castiga sem piedade o pecador, mesmo que algumas vezes se lembre de sua aliança e retire o povo da escravidão (Ex 3,1ss; Dt 30,1-10). Em Jesus Cristo aparece muito mais a imagem do Pai que afaga, acolhe, redime e ama (Mt 5,1-12; Lc 7,36-50; 15,11-32).

O portador desta revelação é o anjo de Deus<sup>33</sup> (1,1) que o vidente recebe, em sonho ou em um clima próximo ao transe, mas sem perder a consciência, sem deixar de ver o mundo como é e a proposta de como deve ser. Ela tem o sentido do consolo, do conforto e da orientação em um momento específico de dificuldades das comunidades (Ap 10,5; a visão de Estevão, At 7,55; a visão de Zacarias, Lc 1,11-20).

Este esquema está dentro do quadro das grandes teofanias, nas quais os videntes nunca criam, nem jamais inventam e menos ainda se apropriam. Nenhuma revelação de Deus é para o “consumo próprio do vidente”. O vidente, neste caso auto-denominado de servo, tem como missão ver tudo, entender o que lhe está sendo mostrado e transmitir aos outros servos de Deus que estão nas igrejas (as sete igrejas = possivelmente, a totalidade). Os anjos funcionam como os “portadores” ou os comunicadores da realidade celeste com particular interesse para os seres humanos. Eles estão nas mais diferentes circunstâncias, quer para anunciar a “tempestade”, quer para anunciar a “calmaria”. Nos evangelhos, é o anjo de Deus que anuncia um plano para Maria (Lc 1,26); depois da visita dos magos, é o anjo que vem avisar a intenção de Herodes e a necessidade de José partir com Maria para o exílio (Mt 1,13); na ressurreição são outra vez dois anjos (homens) que anunciam o cumprimento das Escrituras e o morto não estava mais lá (Lc 24,4; Jo 20,12). Essa embaixada de Deus sobre a terra conta sempre com o papel dos seus mensageiros. Os anjos estão sempre ligados aos poderes divinos, à realidade celeste, mas algumas vezes eles podem complicar a revelação, como seria o conceito de Paulo em Rm 8,38 quando os anjos (alguém celeste) poderia vir anunciar ou desviar do bom comportamento e também do Evangelho (Gl 1,8).<sup>34</sup>

---

<sup>33</sup> Os anjos sempre vinculam revelações, mensagens e eventos místicos de caráter divino com particular interesse aos humanos. Eles são embaixadores de Deus para os homens. A expressão aparece 175 vezes no NT, cf. BROER, I, “ἀγγελός”, in: BALZ, H., SCHNEIDER, G., (org.), *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament, Band II*, Stuttgart, Kohlhammer, 1981.

<sup>34</sup> BROER, I, “ἀγγελός”, in: BALZ, H., SCHNEIDER, G., (org.), *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament, Band II*, Stuttgart, Kohlhammer, 1981.

## 2.2. João, seu servo, testemunha tudo o que viu

### a. Ele dá testemunho da palavra de Deus

A revelação foi dada a João, o qual se apresenta como servo. Ele confessa e escreve seu nome para dar testemunho da verdade diante de seus ouvintes e leitores (1,1.4.9; 22,8). Em 22,7.10.18 ele se apresenta como profeta (cf. 1,9-20). O testemunho que ele apresenta se dá numa função mista entre o vidente e o profeta. Ora ele traduz a visão como um espectador, como um receptor de algo de fora, mas ao anunciar o que recebeu ele se aproxima da profissão de profeta. As coisas que ele vai anunciar implicam diretamente na vida das comunidades cristãs e também sobre os não-cristãos em forma de vaticínio para a desgraça e o julgamento. A igreja primitiva considerou esse João como o apóstolo e com isso a autoridade do texto ganhava adeptos como Justino, Clemente de Alexandria, Melito de Sardes e Irineu.<sup>35</sup>

João testemunha o que lhe é *dado* da parte de Jesus Cristo. No contexto das religiões antigas, tudo o que pertence a uma esfera superior procedia dos deuses, pois só eles moravam nos céus, com seus anjos mensageiros. Os humanos não tinham acesso à esfera superior, exceto em casos especiais de “elevação” (4,1) ou quando um mensageiro de Deus viesse ao seu encontro. O Evangelho de João nos traz uma afirmação categórica: “Ninguém jamais viu a Deus, o Unigênito que está no seio do Pai o deu a conhecer” (Jo 1,18). O vidente é um intérprete ou intermediário entre Deus e os seus servos, os quais são os destinatários desta revelação. Ele não pode negar-se a apresentar de modo correto esta revelação, pois não é para ele, nem lhe pertence. Ele, enquanto receptor da revelação, é um privilegiado, mas esta se destina aos servos de Deus. Estes servos, literalmente “escravos”, não são sempre escravos. Se o autor se define como servo (1,1.4.9), ele está na atitude de obediência e escuta para uma tarefa que lhe será conferida, mas não é escravo. De igual forma, os destinatários podem ser: a. Os cristãos profetas, que estão na liderança das comunidades e que não esmorecem, 10,7; b. Podem ser os mártires cristãos, os que haviam dado seu teste-

<sup>35</sup> VIELHAUER, P., *História da literatura cristã primitiva, Introdução ao NT, aos apócrifos e aos pais apostólicos*, São Paulo, A Cristã, 2005, p. 529.

munho até às últimas conseqüências e até o fim, 19,2; c. Os cristãos, em geral, sem distinção de lugar ou função, mas todos os que estavam firmes no testemunho da palavra, 22,3.<sup>36</sup>

No terceiro século d.C. as opiniões se dividem em dois grandes grupos: 1. Um primeiro grupo continua fiel à primeira opinião que considera esse João o apóstolo, filho de Zebedeu, o qual, depois da morte de Jesus teria deixado a Palestina e residido em Éfeso até o fim de seus anos, ou então ao círculo joanino de Éfeso; 2. Um segundo grupo, rompe com a tradição e atribui esse escrito ao ancião de Éfeso que seria outro personagem, talvez com o mesmo nome.<sup>37</sup>

O Apocalipse teria duas motivações fundamentais:

1. Uma situação *externa* que era o recuo das comunidades diante da perseguição da sinagoga (cf. 2,9; 3,9) e do Estado, 1,19 e necessidade de reanimar a missão.
2. Uma situação *interior* – esfriamento do primeiro amor, 2,14ss. Necessidade de recuperar o zelo e ardor inicial e a superação do distanciamento da parusia.

A vocação de vidente, não raro desprezada pela soberba das elites, une a profecia e a visão para criar resistência no meio popular contra a exploração e a mentira das instituições de poder. Julgados como delirantes, fora de si, necessitados de tratamentos psiquiátricos, os videntes vêm, sentem e profetizam contra o pecado institucional e abrem caminhos “no deserto da justiça” para os tempos do Reino.<sup>38</sup> O vidente é também um profeta e como profeta recebe uma missão de contradição, como Jeremias (Jr 1,5-10). Quer o profeta, quer o vidente não podem ter medo diante dos adversários ou inimigos. Eles devem confiar em Deus, mas se eles tiverem medo dos opositores, Deus os fará ter mais medo ainda deles (cf. Jr 1,8.17-19).

<sup>36</sup> GLASSON, T.F., *The Revelation of John*, Cambridge, University Press, 1965, p. 16.

<sup>37</sup> MAZZAROLO, I., *Evangelho de João, Nem aqui, nem em Jerusalém*, Rio de Janeiro, Mazzarolo editor, 2000, pp. 21-28.

<sup>38</sup> MAZZAROLO, I., *Apocalipse, esoterismo, profecia ou resistência*, Rio de Janeiro, Mazzarolo editor, 2000, p.29.

*b. Ele dá testemunho de Jesus Cristo, como o Cordeiro vivente*

O testemunho do vidente pode ir além da revelação recebida. Se ele teve contatos anteriores com Jesus, com sua pregação e mensagem, não restam dúvidas que ele não apenas está testemunhando a “visão”, mas também tudo o que ele conheceu a respeito da Palavra de Deus (1,2). Com o testemunho da “visão”, João ratifica o ministério da comunicação entre o céu e a terra, entre Deus e os homens, em outras palavras, a missão dos anjos de Deus, como mensageiros das vontades eternas a respeito dos homens.

O Lógos joanino é Jesus Cristo, testemunho do Pai, na comunicação da verdade e da justiça com a humanidade. Assim o prólogo do Quarto Evangelho expressa o lugar de João Batista em relação ao Lógos:

“Houve um homem enviado por Deus, seu nome era João, este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele.

Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz” (Jo 1,6-8).

O vidente testemunha tudo o que sabe a respeito da realidade do Lógos, ele está dentro do cenário da visão, mas assim como João Batista, que estava no cenário do batismo da água, e se coloca como testemunha do Cordeiro, agora o vidente, ao apresentar a visão celeste, escatológica e futura, ratifica, testemunha tudo o que concerne ao Lógos, seu anúncio e missão.

Na afirmação de Dattler, o vidente testemunha o que viu, no passado, colocando-se como mediação entre Deus e os seus servos.<sup>39</sup> Na verdade, o primeiro testemunho de Deus não é dado pelo servo, mas pelo próprio Cristo.<sup>40</sup> O testemunho do vidente, em primeiro lugar, necessita do testemunho de Jesus, pois os servos, os destinatários necessitavam da confirmação deste testemunho. Por outro lado, é a forma como o vidente se apresenta que ratifica esse testemunho, alicerçado na certeza de sua vinda “O Senhor vem” (Ap 22,20).

<sup>39</sup> DATTLER, F., *O livro da revelação, comentário ao Apocalipse*, São Paulo, Loyola, 1977, p. 21.

<sup>40</sup> ARENS, E., DIAZ, Manuel M., *O apocalipse, a força da esperança □ estudo, leitura e comentário*, São Paulo, Loyola, 2004, p. 155.

O testemunho, algumas vezes significou um *monumento, memorial material*, como no caso da estela da aliança entre Labão e Jacó (Gn 31,44; Jos 22,27-28; 24,27). Esse testemunho poderia chegar perto do sentido primitivo, do hebraico *mo'ed* (Os 2,12; Sb 10,7), com o sentido de documento, já mais num sentido deuteronomista pós-exílico.<sup>41</sup> Aristóteles teria passado da apresentação de algo material, de um memorial concreto, para a expressão de convicções morais ou filosóficas.<sup>42</sup> O conceito foi evoluindo de tal forma que depois de Platão (na Apologia), os estóicos consideravam a testemunha a pessoa convocada para dar um depoimento em prol da verdade.

Ainda que *martyria* possa ter também um sentido forense, não é o caso aqui. Das 76 ocorrências do termo no NT, 43 são de João ou das epístolas de João, somando-se ainda quatro vezes no Apocalipse. Nesta linguagem joanina, o sentido de *martyria*, pode ser o de proclamar algo diante de alguém ou de atestar um depoimento (Jo 2,25; 12,17). A testemunha sustenta aquilo que viu e defende como sendo a verdade absoluta, sem intenção ou proposição de trair a verdade.

Neste contexto, o vidente apresenta-se como aquele que viu tudo o que vai transmitir. Ele não vai dar um testemunho daquilo que imaginou, sonhou ou gostaria dizer. O testemunho não se faz pela imaginação ou vontade, ele se dá com a pessoa, com a presença diante de alguém, com a ratificação de outras pessoas. O testemunho é, normalmente, público e nunca sozinho, sempre de algo diante de alguém. O nosso vidente recebeu essa revelação como sinal da compaixão divina para com seus servos (João – hebraico = Deus tem compaixão, misericórdia). João é, antes de tudo, o homem ao qual Deus faz sua revelação, já manifestada em seu Filho.<sup>43</sup> João recebeu, não para si, mas para as igrejas, desta forma, não pode furtar-se a dar esse testemunho diante dos cristãos de tudo aquilo que viu. Seu testemunho é a ratificação da revelação. Ele tem a consciência de que aquilo que lhe foi confiado se empenhará em divulgar, transmitir, traduzir e convencer seus ouvintes a respeito da verdade.

---

<sup>41</sup> TRITES, A. A., "Testemunha", in: COENEN, L., BROWN, C., *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, São Paulo, Vida Nova, 2000, p. 2503.

<sup>42</sup> TRITES, A. A., *Idem*, p. 2504.

<sup>43</sup> LÄPPLE, Op. cit, p. 75.

O testemunho desta visão reflete a grande missão dos cristãos, os quais precisavam dar seu testemunho diante dos tribunais, anunciar a verdade diante das comunidades e dos descrentes, mostrar a luz, mesmo não sendo a luz, anunciar o Evangelho sem apropriação e resistir, como exemplo de fé, de caridade e de anúncio.

### 3. AS SETE BEM-AVENTURANÇAS

#### 3.1. Bem-aventurado o que reconhece (lê) as palavras da profecia, os que escutam as palavras da profecia e os que as guardam as palavras nesse escrito, pois o tempo está próximo (1,3)

<sup>1,3</sup> Μακάριος ὁ ἀναγινώσκων καὶ οἱ ἀκούοντες τοὺς λόγους τῆς προφητείας καὶ τηροῦντες τὰ ἐν αὐτῇ γεγραμμένα, ὁ γὰρ καιρὸς ἐγγύς.

Para a primeira bem-aventurança, no versículo 1,3 encontramos, inicialmente, a proposta de substituição do mesmo particípio masculino plural para o singular: ἀκούοντες para ἀκούων, atestada nos minúsculos 2053 e 2062 do séc. XIII. Essa mudança não resolve a situação, pois temos o outro particípio no plural que é τηροῦντες. A solução viria se o primeiro particípio ὁ ἀναγινώσκων estivesse no plural, mas a resposta vem do contexto, no qual, o verbo, que tem seu sentido principal, está no singular por identificar uma pessoa só (o que sabe ler) e os muitos que sabem escutar. Em virtude da escassez de pessoas instruídas que soubessem “reconhecer as letras” e ser capazes de ler, tornava-se comum haver um leitor e muitos ouvintes. Assim pode-se entender que o verbo “anaguinôskein” significa, aqui, ler em público, ler para uma assembléia, decorrendo disso, a passagem para o plural, nos outros particípios da frase.

*Bem-aventurado o que reconhece (lê) 1,3<sup>44</sup>* - O termo ἀναγινώσκων é traduzido pelas bíblias como “ler”, para interpretar a relação *leitor-ouvinte*,

<sup>44</sup> A maioria das traduções modernas, quer em português, quer nas línguas estrangeiras, traduz ἀναγινώσκω como ler. No dicionário de grego moderno da Grécia encontram-se como sinônimos ἀναγνωρίζω – reconhecer, entender, perceber; ἀναγνωρίζω καλῶς – reconhecer direito, certo, seguro, sem enganos, sem engodos ou desvios por erros próprios ou alheios, ἀναπέιθω – persuadir, induzir, convencer alguém a respeito de algo. Desta forma, alguém que

na seqüência do texto. Num mundo de analfabetos, saber ler é uma bem-aventurança. No entanto, é melhor que seja traduzido como “aquele que reconhece a letra e entende”. Nos tempos do Apocalipse a leitura era pública e havia poucos leitores, que pudessem entender ou reconhecer os sinais gráficos (“letras”) e decodificá-las para a leitura pública. outro lado, nem todos os que sabem ler, são capazes de reconhecer, no texto bíblico, uma mensagem. Para reconhecer os sinais era preciso ser instruído, ser alfabetizado e, esse privilégio era dado a poucos. Alguns estudiosos acreditam que esta bem-aventurança estava devotada aos que faziam as leituras públicas e diante deles estavam grupos de pessoas, às vezes, multidões. Dependendo do jeito, da forma interpretativa da leitura, o efeito era maior nos ouvintes, contudo, não pode ser descartada a aplicação aos que são instruídos nas letras sagradas e podem transmiti-las à assembléia.

A leitura pode ser um privilégio, pois não é dada a todos. Certa vez, em uma missão por esse Brasil afora, encontrei um senhor que participava de todos os atos litúrgicos, mesmo vestindo roupa suja e rasgada. Andava descalço, como muitos outros, mas recusava-se a receber em suas mãos uma folha de cantos para acompanhar a assembléia ou qualquer material litúrgico. Num determinado momento aproximou-se e me disse: “Olha, seu padre, eu não tenho vergonha da minha roupa, não tenho vergonha de estar aqui sem nada para calçar nos pés. Eu também não tenho ciúmes dos que vestem bem, tem melhores condições que eu, não tenho inveja de ninguém. Eu só tenho inveja dos que sabem ler e escrever, por que saber ler e escrever dá pr’á gente uma dignidade e poder”. Este homem se referia à condição de pobreza, na qual foi criado, e ao grau de fé que devia ter, quando ele precisava escrever uma carta à mãe, tendo a necessidade de ditar para um amigo escrever, sem poder ter certeza de aquilo que ele ditara, fora colocado no papel. No sentido contrário, quando recebia respostas de sua mãe, não podia saber se aquilo que era lido pelo amigo, eram exatas palavras da mãe, no papel, ou se o amigo dizia coisas diferentes.

A bem-aventurança de *ler* é válida ainda hoje. O analfabetismo assola grandes populações pobres e marginalizadas do conhecimento, do saber, do acesso aos meios de aprendizagem. Poder decodificar um sinal gráfico

---

conhece não guarda para si o que conheceu, mas coloca para outrem, a fim de que quilo que lhe foi dado a conhecer, tenha seu enfeito na transmissão deste conhecimento.

e transformá-lo em som de voz, continua sendo um privilégio, ainda que a grande maioria possa, hoje, mais do que antigamente, estar neste meio.

A bem-aventurança do ἀναγιγνωσκων pode ser traduzida como *aquele que lê*, mas eu prefiro traduzi-la como *aquele que reconhece* (discerne o que lê, entende o que lê), por isso, creio que o autor do livro esteja se referindo a estes, ainda que o particípio seja singular ὁ ἀναγιγνωσκων = aquele que lê e entende o que leu. Balz chama atenção para outros paralelos, como Mc 2,25; 13,14; Mt 24,15; Lc 6,3 e outras ocorrências no Novo Testamento, nas quais, ἀναγιγνωσκω é sempre entender, compreender.<sup>45</sup> Esse leitor não seria apenas um estudante privado, mas um leitor público, nos dias de culto, um sábio nomeado por autoridades ou sacerdotes para fazer essa leitura oficial (conhecimento, capacidade e voz), visto que não havia sistemas de som. Alguns autores acreditam que este leitor se tornava um membro das classes clericais, de modo particular no judaísmo rabínico. Na própria tradição sinagoga havia a função do leitor, era comum entre os judeus haver leitores, copistas e professores para passar essas lições adiante. No ambiente cristão, esse leitor cumpria sua missão nos dias de domingo, mas a grande diferença de um para o outro, era o entendimento, o reconhecimento de uma palavra-mensagem, de um texto sagrado para a vida.

O entendimento de algo lido é mais do que a compreensão verbal do texto, estilo ou forma. É o discernimento crítico do que o texto deixa ver e, de modo paralelo, com o que o texto não mostra, mas o redator ou emissor aponta. No contexto mais amplo da forma apocalíptica da transmissão de mensagens, fazia-se necessária, não apenas a capacidade de leitura, mas entendimento daquilo que as palavras omitiam, ou seja, o sentido metafórico e simbólico do texto. Ler é entender, discernir e decodificar o enredo da leitura. Essa pode ser a razão fundamental da bem-aventurança, visto que, aquele que lê coloca interesse, tempo, compromisso e se torna conseqüente com o que leu.

Ler não é suficiente, é apenas um passo dos três necessários para fechar o círculo do entendimento: 1º. *Ler*; 2º. *discernir*; 3º. *ser conseqüente*. Neste caso, a bem-aventurança se alicerça nestes três passos, pois só quem se torna comprometido com o que leu, demonstra que entendeu. Ler é, em

<sup>45</sup> BALZ, H., “ἀναγιγνωσκω”, in, Balz/Schneider, *Exegetisches Wörterbuch z. NT, Band I*, Stuttgart, Kohlhammer, 1980.

última análise, comprometer-se. Prigent afirma que todos os que levam a sério a leitura do texto, assumem a obrigação de dar ao mesmo a interpretação pretendida pelo escritor, excluindo outras interpretações.<sup>46</sup>

Esta é a primeira bem-aventurança das sete encontradas no Apocalipse (14,13; 16,15; 19,9; 20,6; 22,7.14). Estas procedem, na sua maior parte, diretamente do céu através de revelações dos anjos, vozes celestes, etc. Tomando o Evangelho de Lucas 11,28 entendemos que o ato de escutar, ligado à palavra revelada, está sempre na perspectiva do cumprimento do que ela diz, na perspectiva da observância ou obediência: “Felizes os que escutam a palavra de Deus e a colocam em prática” (Lc 11,28).

Se o testemunho fundamental é de Jesus Cristo, a revelação se transforma num compromisso com Ele, e a visão do trono, do Cordeiro e de toda a realidade celeste, que neste caso assume um papel escatológico, se transforma num modo pedagógico de conduzir os ouvintes a um comportamento comprometido com o Evangelho de Jesus Cristo, a qui e agora, na história, a fim de participar das núpcias no dia do banquete final (Ap 19,10).

Concordamos com Prigent, enquanto afirma que o livro deve ser lido publicamente, assim como era feita a leitura da Torah, na sinagoga.<sup>47</sup> Discordamos, enquanto ele afirma que o eixo central desta leitura seja o sentido litúrgico e cultural. Ainda que alguns padres da Igreja primitiva, como Justino, citado por Prigent, insista sobre a necessidade e a importância dos cristãos lerem publicamente relatos dos textos proféticos cristãos, não se trata apenas de ler publicamente ou liturgicamente, e sim de entendê-los no sentido do compromisso e da práxis, anunciando-os aos outros e comprometendo outros na missão.<sup>48</sup> Os primeiros cristãos liam as cartas de seus protagonistas, bem como as dos apóstolos, como ampliação das palavras do Evangelho, e estas, tinham para toda a comunidade, um valor de profecia e testemunho. Poderíamos concluir, transformando a bem-aventurança: Felizes os que sabem entender aquilo que leram, pois muitos sabem ler, mas não conseguem compreender.

---

<sup>46</sup> PRIGENT, P., *l'Apocalisse di S. Giovanni*, Roma, Borla, 1985, p. 18.

<sup>47</sup> PRIGENT, P., *Idem*, p. 25.

<sup>48</sup> PRIGENT, P., *Ibid.*, citando Justino, nas *I Apologias*, 67,3: “... nas assembléias dominicais, sejam lidas as memórias dos apóstolos e os escritos dos profetas... (cristãos)”.

*Bem-aventurados os que escutam* - O texto rompe a concordância com o participio anterior, no singular (da primeira bem aventurança), e abre o plural, para esta (os que observam). O verbo escutar aparece 430 vezes no NT, destas 89 nos Atos dos apóstolos e 46 no Apocalipse. O primeiro sentido é *escutar*, ouvir, sentir, perceber pelo ouvido ou som da voz, do ruído, impacto ou outra forma. G. Schneider observa que o segundo sentido é *ser obediente*, prestar atenção.<sup>49</sup>

Escutar é dar ouvidos, demonstrar interesse e comprometer-se. No aspecto bíblico, o ouvir está muito ligado com a revelação divina à humanidade, por isso ouvir é ligar a relação entre a pregação de Jesus e o povo.<sup>50</sup> Concluindo a explicação em torno da parábola da semente, Jesus fecha a lição com uma sentença proverbial: “Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça!” (Mc 4,9.23; 7,16; Mt 11,15; 13,9.43; Lc 8,8; 14,35b).

Ouvir pode ser o fato de recordar, fazer memória em virtude de um presente, no qual, há uma nova necessidade de escutar: “*Ouvistes o que foi dito aos antigos... eu porém vos digo...!*” (Mt 5,21.27.33.38.43). Neste caso, o que fora dito aos antigos, necessitava ser rememorizado, não esquecido, e considerado válido até o presente momento. Ouvir o passado, como um gesto de memória da história, é pedagógico, mas não impõe muitos compromissos. Ouvir o que seria dito agora - “eu porém vos digo...” - não é mais olhar para trás, e sim para frente, não se trata de fazer memória, mas de traduzir e decodificar para o tempo presente. A capacidade de ouvir está intrinsecamente ligada ao conhecimento dos códigos de transmissão. Ouvir é entender, é ser capaz de traduzir ou repassar o que foi ouvido.

A bem-aventurança do ouvir está na linha oposta do “diálogo dos surdos”. O ato de ouvir pressupõe, não apenas uma linguagem comum, mas interesses comuns. Buscando exemplos escriturísticos, observamos que em Babel (Gn 11,1-9) acontece um diálogo de “surdos”, visto que, não obstante o mesmo idioma, não há códigos comuns de comunicação, produzindo a divisão, separação e rupturas de um mesmo povo. Em Pentecostes (At 2,42-46), dentre uma multiplicidade de idiomas encontra-se um veio comum de comunicação e a diversidade produz a unidade.

<sup>49</sup> SCHNEIDER, G. “ἀκούω”, in, Balz, H., Schneider, G., *Exegetisches Wörterbuch zum NT*, op. cit.

<sup>50</sup> SCHNEIDER, G., *Ibid.*

Quem tem ouvidos *para ouvir*, ouça (Mc 4,9 e par.). No ato de comunicar há um objetivo, do mesmo modo no ato de ouvir. O ouvido é um filtro na comunicação. Este pode estar aberto ou entupido. O profeta Jeremias (Jr 6,10) se queixa dos *ouvidos incircuncisos* do povo de Judá, ouvidos que se negam a escutar a mensagem de Deus. O ouvido pode ser controlado pelo cérebro e este não escuta determinadas mensagens, não identifica a profecia, a advertência ou o chamado, sempre que esteja “incircunciso”, alienado ou “entupido” com informações contrárias.

O vidente faz essa bem-aventurança com um grande desejo de sua visão seja acolhida, seja levada a sério e os ouvintes dêem atenção à sua palavra. Ouvir origina, normalmente, uma relação de pessoas ou animais, pois aquele que ouve, ouve de alguém, escuta a voz de outro...<sup>51</sup> Por se tratar de uma revelação, o desejo de que os cristãos ouçam com toda atenção o que vai ser lido publicamente ou dito em privado é iminente, pois a revelação está associada à fé, à missão de Jesus e ao destino dos cristãos. Essa bem-aventurança está situada no limiar da apocalíptica e no início da profecia, como fala o apóstolo Paulo:

“É a palavra de fé que nós pregamos. Porque, se confessares com a tua boca que Jesus Cristo é Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo. Pois quem crê de coração obtém a justiça, e quem confessa com a boca, a salvação... Mas como poderiam invocar aquele em quem não creram? E como poderiam crer naquele que não ouviram? E como poderiam ouvir sem pregador? E como podem pregar se não forem enviados? Conforme está escrito: *Quão maravilhosos os pés dos que anunciam boas notícias*” (Rm 10,8b-11.14-15)

O anúncio de algo que procede de fora, para outra pessoa ou comunidade, é sempre uma missão, e desta forma, o anúncio das coisas que deverão acontecer, coloca o vidente na qualidade de anunciador, despojado e desapropriado daquilo que viu. Feliz aquele que ouve e crê, pois o anún-

---

<sup>51</sup> BLASS, F., DEBRUNNER, A., *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1984, parág. 173,1.

cio é um privilégio que ele recebe para o crescimento e o fortalecimento da sua fé.<sup>52</sup>

A *palavra da profecia*, não é a revelação apenas. O autor afirma que esta visão que lhe foi dada, agora emergindo de suas palavras, transforma-se para os ouvidos dos ouvintes, uma profecia, uma advertência e uma catequese.<sup>53</sup> A visão tem caráter profético pois vem de Deus, de Jesus Cristo e João não é, senão, um mediador daquilo que viu. Esta visão não é produção da elucubração mental, do devaneio ou da fraqueza de raciocínio, mas é a revelação de Jesus, como o Cordeiro vivente, que se manifesta ao seu embaixador João, a fim de que ele anuncie (profetize) diante da realidade presente e dos acontecimentos por vir.

O vidente faz o papel de profeta, deixando o privilégio da visão para chegar à crise do anúncio daquilo que interessa às sete igrejas, como mensagem divina, como vontade divina e desejo de cumprimento da parte humana. Para tanto é mister crer, a fim de que a boa nova da visão construa nas comunidades cristãs, a força da fé, o vigor do testemunho e a continuidade da missão.

*Bem-aventurados os que guardam isto que está escrito* - Todas as etapas anteriores podem parar aqui, sem efeito, caso não haja uma conseqüente responsabilidade do ouvinte. O leitor (aquele que toma conhecimento), aquele que ouve a leitura e aquele que executa. São três passos interligados.

João usa o verbo *τηρέω* que se traduz por guardar, observar, segurar firme. O primeiro sentido é sinônimo de *φυλάσσω* – guardar, custodiar. Alguém que preza algo, guarda, protege, custodia. Os guardas foram colocados para proteger e vigiar a sepultura de Jesus, a fim de evitar qualquer fraude, no sentido de custodiar (Mt 28,4). Como alguém que custodia, no sentido da vigilância, da proteção, age também quem assume uma responsabilidade em relação à palavra, anúncio, testemunho e missão.

Trabalhando mais o verbo *φυλάσσω* que o próprio *τηρέω*, Kratz<sup>54</sup> exemplifica o sentido de ambos no horizonte do compromisso por decorrência do disci-

<sup>52</sup> SCHNEIDER, G. “ἀκούω”, in, Balz, H., Schneider, G., *Exegetisches Wörterbuch zum NT*, op. cit

<sup>53</sup> Cf. MAZZAROLO, I, *Apocalipse, esoterismo, profecia ou resistência*, Rio de Janeiro, Mazzarolo editor, 2000, 12-13.

<sup>54</sup> KRATZ, R., “τηρέω”, in, Balz, H., Schneider, G., *Exegetisches Wörterbuch zum NT*, op. cit.

pulado, da missão e de terem escutado a palavra de Jesus: O amor do Pai vai, através do Filho, à comunidade. Do mesmo modo que o Filho guardou a Palavra do Pai (Jo 8,55; 15,10), assim a comunidade está comprometida em guardar a palavra do Filho e anunciá-la aos outros (Jo 15,20).

Guardar como *fazer ou colocar em prática*. Os exegetas não associam os verbos (sinônimos) τηρέω, φυλάσσω com o verbo ποιέω fazer, produzir, colocar em prática. Uma sentença de Jesus parece ser fundamental para se entender essa aproximação ou relação entre *guardar e fazer*: “*Sereis meus amigos se fizerdes o que eu vos ordenei*” (Jo 15,14). O verbo fazer tem um uso privilegiado no NT, no sentido de colocar em prática, de produzir, de realizar, de ser conseqüente com aquilo que ouviu. Mais ainda que guardar ou observar, é estritamente um verbo de ação concreta e perceptível, através da ação. O fazer é um ato da vontade, da decisão do intelecto que ordena à práxis de algo que lhe é transmitido. Não há muitas voltas a serem dadas, porque o ato de fazer depende da liberdade.

João não coloca nenhuma condicional na sua bem-aventurança, apenas afirma que aquele que praticar (guardar) é feliz. Em quase todo o NT e muitas vezes no AT encontra-se uma conjunção condicional “se”, pois entre o que foi passado e o que será realizado, está a liberdade, a autonomia e a capacidade de comprometimento. À medida que a consciência do compromisso se estabelece, aumenta a probabilidade da execução daquilo que lhe foi transmitido. Deste modo, entende-se como, entre o ler ou ouvir e o fazer, há uma necessidade deliberativa da vontade: “Porque, pois, me chamais Senhor, Senhor, e (se) não fazeis aquilo que eu vos digo!?” (Lc 6,46, cf. Mt 7,21). O verbo ποιέιν – fazer, indica um imperativo da ação. Portanto, custodiar, proteger e guardar é também agir de acordo com o conteúdo do Evangelho.

O verbo fazer está também ligado, no NT, ao verbo φέρω que pode ser entendido como carregar, conduzir ou também produzir (cf. Jo 15,8). Anexando sentidos dos verbos anteriores, avançamos afirmando que a bem-aventurança entende um sentido amplo do guardar, custodiar, fazer e produzir, carregando para a geração seguinte o que a geração anterior transmitiu (Sl 78,3-4; 1Jo 1,1-4). A palavra da profecia (Ap 1,3) tem exigências próprias da profecia, conseqüências decorrentes do anúncio e da forma. Assim como para o AT, o verbo escutar implicava numa obediência e conseqüente prática (Dt 4,1; 5,1; 6,1), o sentido neotestamentário desta relação *profeta* → *comunidade*

é o de ouvir, entender e colocar em dados concretos a fé, demonstrando que a palavra da profecia encontrou crédito no ouvinte.

*3.2. Ouvi uma voz do céu dizendo: Escreve! Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor, desde agora. Sim, diz o Espírito, assim descansarão de suas fadigas, pois as suas obras os acompanham (14,13)*

<sup>14,13</sup> Καὶ ἤκουσα φωνῆς ἐκ τοῦ οὐρανοῦ λεγούσης· γράψον· μακάριοι οἱ νεκροί<sup>55</sup> οἱ ἐν κυρίῳ ἀποθνήσκοντες ἀπ' ἄρτι. ναί, λέγει τὸ πνεῦμα, ἵνα ἀναπαήσονται ἐκ τῶν κόπων αὐτῶν, τὰ γὰρ ἔργα αὐτῶν ἀκολουθεῖ μετ' αὐτῶν.

Alguns poucos manuscritos substituem Senhor por Cristo; a versão siríaca e o minúsculo 1611 colocam Deus em lugar de Senhor. Em si, o texto não oferece particularidades quanto à crítica textual.

Depois da batalha entre a mulher e o dragão (Ap 12), o livro do Apocalipse começa uma segunda fase: a fase do julgamento. Deus interveio salvando a mulher e a criança, e de agora em diante, será mostrado o tratamento a ser dado à besta do mar, à besta da terra e a todos os seus adeptos (14,1-20). Todos os povos e tribos e pessoas se apresentarão para o julgamento: os marcados na fronte com o sinal do Cordeiro se apresentam para a salvação e o banquete de núpcias (19,9), enquanto os outros serão afastados para a condenação.

Essa bem-aventurança pode encontrar apoio no texto de Isaías 57,1-2: “O justo perece e ninguém se incomoda, os homens piedosos são ceifados, sem que ninguém tome conhecimento. Sim, o justo foi ceifado, vítima da maldade, mas ele alcançará a paz: os que trilham o caminho reto repousarão no seu leito”. Os que não descansam no seu leito é por que terão que experimentar os sofrimentos do castigo. Se o justo é ceifado, o mau tem a mesma sorte.

Bem-aventurados os mortos, mas quem são? Os mortos, nem sempre são defuntos. Todos os que faleceram estão no reino dos mortos, mas nem

<sup>55</sup> BAUER, W., *Wörterbuch zum Neuen Testament*, Berlin/New York, W. Gruyter, 1971. Segundo o autor, o morto pode ser um estado físico ou um estado psíquico e espiritual.

todos terão a mesma sorte do dia do julgamento, por que há duas formas de morrer: a. morrer no Senhor; b. morrer no pecado. Os que morrem no Senhor apenas descansam de suas fadigas; os que morrem no pecado suas obras más os condenam. Trata-se do julgamento. Os mortos são todos aqueles que morreram para alguma coisa: aqueles que morrem no pecado (Rm 6,11; Ef 2,1.5; Cl 2,13); morre em função da vida futura (Hb 6,1.9.14); morrer para a lei (Rm 7,8).

Todos os que morrem no Senhor, o Espírito declara-os bem-aventurados, pois esses têm crédito pelas suas fadigas, por lavaram suas vestes no sofrimento, no testemunho e na fidelidade ao Evangelho. Esses morreram para o pecado, para a lei e para o passado. O batismo sepulta a vida pagã e permite renascer para a vida nova (Mt 22,31; 1Cor 15,42).

Os que se inclinaram diante da Besta, seguiram seus caminhos e se comprometeram com o espírito da perversão (13,15), esses trarão a sua marca e quando ela for destruída pelo castigo, eles serão destruídos com ela (13,16-18). Esses beberão a taça do furor (cf. Is 51,17), irão para o lugar onde a fogo e ranger de dentes (Mt 25,41-46) por que construíram túmulos bonitos para os profetas que eles mesmos assassinaram.

Essa bem-aventurança está postada no ambiente da colheita, onde tudo é ceifado, tudo é recolhido e depois selecionado, e cada um receberá segundo as suas obras (22,12).<sup>56</sup> Quer para bons, quer para maus as obras os acompanham, mas para os primeiros elas serão o quinhão da bem-aventurança, para os outros elas serão a desgraça da condenação (22,15).

Para todos os que morrem no Senhor a morte segunda não terá poder sobre eles. A morte não assustará, não causará medo, pois serão convidados a um festim de núpcias (19,9). A vida, para os que labutaram com o Cordeiro, será apenas transformada para melhor, modificada no seu estado presente para uma situação melhor.

---

<sup>56</sup> MAZZAROLO, Isidoro, *Apocalipse, esoterismo, profecia ou resistência*, p. 78.

3.3. *Eis que venho como um ladrão. Bem-aventurado aquele que estiver vigilante e guarda suas vestes a fim de não andar nu e vejam a sua vergonha (16,15)*

<sup>16,15</sup> Ἴδου ἔρχομαι ὡς κλέπτης. μακάριος ὁ γρηγορῶν<sup>57</sup> καὶ τηρῶν<sup>58</sup> τὰ ἱμάτια αὐτοῦ, ἵνα μὴ γυμνὸς περιπατῆ καὶ βλέπωσιν τὴν ἀσχημοσύνην αὐτοῦ.

Essa bem-aventurança não apresenta particularidades quanto às variantes dos manuscritos. Apenas uma mudança da primeira para a terceira pessoa do verbo: de ἔρχομαι (venho = veja o texto) para ἔρχεται (vem, testemunhado pelo Sinaítico e outros poucos menores). Na perícope 16,12-16 é o narrador que fala. A proposta de leitura deveria ser na terceira pessoa do singular.

Do ponto de vista do conteúdo e do estilo ela estaria fora de lugar.<sup>59</sup> Na verdade, o lugar mais provável dessa perícope seria dentro da carta a Laodicéia (3,14-22), mais particularmente com 3,18.

Essa bem-aventurança se situa no quadro das taças do furor de Deus contra a besta e seus simpatizantes (16,1). As sete taças da cólera estão na segunda parte do livro (a chave divisória se encontra no c.12)<sup>60</sup>, e, esse v.15 está no quadro da sexta taça (vv. 12-16) derramada sobre o rio Eufrates, secando suas águas e abrindo caminho para os reis que vêm do Oriente. O vidente vê sair da boca o dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos, respectivamente um de cada, como espíritos de demônios que saem pelo mundo para coligar os reis da terra no dia do julgamento de Deus Todo-poderoso. É diante desse grande perigo de negação de Deus, protagonizado pelos espíritos de demônio, assumidos pelos reis da terra, que surgem as duas bem-aventuranças desse c.16.

<sup>57</sup> BAUER, W. *Wörterbuch z. NT* □ vigiar, prever, antecipar, supervisionar, etc.

<sup>58</sup> Idem, "têreō" significa supervisionar, controlar, vigiar, custodiar, tomar conta, vigiar sobre.

<sup>59</sup> CHARLES, R. H., *A Critical and exegetical Commentaru on the Revelation of Sr. John*, Edinburg, T&T Clark, v.2, 1989, p. 49

<sup>60</sup> Mazzarolo, I., *Apocalipse, esoterismo, profecia ou resistência?* Rio de Janeiro, Mazzarolo editor, 2000, p. 24. No nosso comentário sobre o livro, entendemos que o c.12 é a parte central do livro e, ao mesmo tempo, divisória. A partir da vitória da mulher sobre o dragão, pela intervenção divina, inicia-se um quadro de sinais da derrota definitiva da besta e a instauração da cidade de Deus, c. 22. Assim, as visões que antecedem o c. 12 têm um caráter de advertência e de provocação à sensibilidade, enquanto que as que seguem, apresentam um tom de julgamento e condenação a todas as potências que rejeitaram o Cordeiro e seguiram as duas Bestas.

O verbo *γρηγορέω* assume uma gama de sentidos, mas todos vinculados a um mesmo fim: *não perder a hora, não dormir no ponto, ter olhos abertos, estar no lugar certo!* O vigilante deve ter sob seu olhar e sua atenção o domínio total da situação e sob sua responsabilidade estão todas as consequências, em caso de falha (Mt 24,42). A vigilância é um olhar amplo sobre a vida e o controle da situação global (Dt 16,1).

Essa bem-aventurança, no contexto do livro do Apocalipse, situa-se no emaranhado das sete taças. A ameaça da surpresa exige a vigilância. Um ladrão não avisa a sua vítima. A surpresa causa medo, receio e necessidades de providência. O Filho do Homem não será um ladrão, não trará ameaças aos seus, mas aos adversários (cães, impudicos, idólatras e mentirosos, 22,15). Esses deverão temer a vinda repentina, mas para o vigilante, esse não será surpreendido, esse o acolherá, abrir-lhe-á a porta e o acolherá. O idólatra estará ocupado com os seus ídolos (*ter, poder e prazer*), e não terá tempo de fazer atenção à vinda do Dia do Juízo.

Essa advertência pode ser fundamentada na parábola do juízo final de Mt 24,29-31; Mc 13,24-27; Lc 17,25-28, onde se alicerça a força e a soberania do Filho do Homem, vindo sobre as nuvens, não mais dependendo da realidade terrestre, não mais submetido ao arbítrio do Templo. Acompanham esse grande Dia, sinais cósmicos, fenômenos sismológicos e abalos, mas para quem não está preparado, tudo será perdido sem tempo de refazer ou resgatar o que foi desprezado. A imagem do ladrão é utilizada por Jesus (Mt 24,42-43), dentro dos ensinamentos escatológicos. Numa perspectiva da parusia iminente, Paulo adverte a igreja de Tessalônica com a mesma catequese (1Ts 5,2).

O Autor do Apocalipse utiliza duas vezes essa imagem do ladrão como paradigma da vinda do Filho do Homem (3,3 na carta à Igreja de Sardes, a comunidade morta) e nessa perícopes (16,15, dentro do c. 16, as taças da cólera, do castigo e do julgamento).

*Bem-aventurado aquele que guarda as suas vestes* – Trata-se de proteger a nudez e a vergonha. As vestes existem também para essa finalidade, para os que para tal as convencionaram. As vestes podem indicar a condição social, o status econômico ou a profissão de uma pessoa. As vestes, normalmente, identificam o seu “cabide”, o seu usuário. Os hipócritas, em geral, usam vestes suntuosas para ostentar aquilo que não são, para abafar a justiça e a verdade. A veste, via de regra, identifica a pessoa: o militar, o religioso, o

servente, o esportista e assim por diante. A veste pode também ser o sinal da hipocrisia e do engodo, quando a pessoa é medíocre e falsa.

Jesus, na ceia com os seus discípulos, troca o manto por um avental, a fim de dar a última grande lição da humildade e da diaconia (Jo 13,4-5). O manto identificava a posição do Mestre e Senhor, enquanto o avental identificava o servo. João Batista se vestia com peles de animais (Mt 3,4) e vivia no estilo dos personagens que se vestiam dessa forma, isto é, da forma dos profetas (Elias 1Rs 1,8). O profeta Zacarias (13,4) afirma que no dia em que um dia os profetas se envergonhariam de suas falsidades e não usariam mais as vestimentas de pele. Na verdade, os profetas se aproximavam do estilo simples da vida do campo, afastando-se do estilo luxuoso e, não raro, hipócrita da cidade.

O autor do Apocalipse descreve a multidão dos redimidos como aqueles que *alvejam as suas vestes* no sangue do Cordeiro (Ap 7,14; 22,14). É bem verdade que o sangue não limpa, ao contrário, suja e mancha, mas não se trata aqui de vestes como cobertura do corpo, mas das “vestes da vida”, da justiça, da dignidade e do Evangelho.<sup>61</sup> Como poderia uma pessoa justa lavar suas vestes no sangue? Não se trata de roupa, vestimenta ou traje, mas de conduta, e a forma de lavar a vida é partilhar a mesma, comunicar vida e receber vida fazendo o sangue circular nos projetos, nas convicções e nas ações, do mesmo modo que Ele fez, pois não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos (Mc 10,45).

Feliz é aquele/a que faz do seu sangue vida partilhada, vida doada em resgate por outros. Esse terá suas vestes sempre limpas, sempre puras e reluzentes, pois elas estão sendo lavadas no sangue do Cordeiro através do compromisso com o Evangelho.

Bem-aventurado é o que *guarda suas vestes* a fim de não ficar nu, do dia do Julgamento. Guardar as vestes é cuidar do Evangelho recebido (Ap 3,3), é ter uma conduta ilibada segundo os ensinamentos de Jesus, é ser capaz de lavar os pés dos outros. Guardar as próprias vestes é saber com o que se está revestindo a própria conduta, as opções e as motivações do agir.

---

<sup>61</sup> Cf. Mazzarolo, I., Apocalipse, 52.

Assim como as vestes protegem o corpo, a justiça e a ética protegem a conduta. O pecado revela a nudez e a vergonha (Gn 3,7). No âmbito do julgamento, o c. 16 mostra a condenação aos três opositores do Cordeiro: o dragão, a besta e o falso profeta (16,13). Como esses se vestiram de mentiras, falsidade, perversão e mediocridade, a vinda do grande dia do Senhor se transformará no desnudamento dos mesmos, revelando sua verdadeira identidade. A nudez é a realidade sem subterfúgios, e assim, todo aquele que tiver seguido esses opositores do Cordeiro, terão suas vestes falsas ou suas vestes fantasiadas arrancadas e será a sua vergonha.

Aquele que *guarda suas vestes* não é o que protege o tecido que veste, mas guarda a palavra de Deus e a põe em prática (Mt 7,21). Sua vestimenta não será tecido, mas a eticidade do Evangelho. A nudez do corpo não tem significado diante da nudez da justiça.

*3.4. E disse-me: Escreve! Bem-aventurados os convocados ao banquete das núpcias do Cordeiro! E acrescentou: Essas palavras são autênticas de Deus! (19,9)*

<sup>9</sup> Καὶ λέγει μοι· γράψον· μακάριοι οἱ εἰς τὸ δεῖπνον τοῦ γάμου τοῦ ἀρνίου κεκλημένοι. καὶ λέγει μοι· οὗτοι οἱ λόγοι ἀληθινοὶ τοῦ θεοῦ εἰσιν.

O texto não apresenta dificuldades quanto à presença de variantes. O que indicado por Nestlé-Aland<sup>27</sup> é de caráter secundário. A variante significativa é a omissão de τοῦ γάμου pelo Sinaítico, o Majoritário e outros pequenos manuscritos. A omissão, caso fosse testemunhada por manuscritos importantes e antigos afetaria o texto quando à explicitação do tipo de banquete que é de núpcias.

A mensagem que o vidente recebe é do mesmo estilo das outras, com o verbo no imperativo: *Escreve!* O lexema grego δεῖπνον pode ser almoço, jantar, banquete festivo, festa de núpcias.

Jesus se apresenta como o noivo, metaforicamente, na aliança com seus discípulos, pois afirmava que enquanto o noivo está com seus convidados, estes estão impedidos e dispensados de fazer jejum (Mc 2,19 e par.). A presença do noivo indica festa de casamento, aliança entre famílias,

projetos pessoais e familiares, expectativas para ver o sucesso do casal e assim por diante.

Aqui João descreve o banquete de núpcias do Cordeiro. A expressão ἀρνίον indica o cordeiro pascal que representava a libertação dos pecados (cf. Ex 12,1-14). Aqueles que lavaram suas vestes no sangue do Cordeiro, que trazem palmas nas mãos e o sinal dele na fronte, esses serão convidados ou convocados para o banquete (cf. 7,1-14).

Essa bem-aventurança já se situa no contexto da vitória final e definitiva do Cordeiro. Ele não é mais o Galileu, nem o Nazareno esbofetado, nem o Rei crucificado e cuspidor, ele é o Cordeiro, o *Kyrios*, o *Basileus* que vem sentado no trono da justiça e do julgamento. Montado no seu cavalo branco (19,11) símbolo da justiça, da paz e da serenidade, virá para recolher a todos e convidar alguns para o banquete (19,9) e os outros serão enviados para o lagar onde terão suas carnes devoradas (19,17-18). Os magnatas, os reis, os capitães e os déspotas, em vida, devoraram a carne dos pobres, dos justos e dos honestos (cf. Mq 3,1-3) e agora a sorte se inverte, eles terão suas carnes devoradas. Essa seria a sentença definitiva da justiça divina contra a nobreza, a realiza e as práticas dos déspotas.<sup>62</sup>

O banquete não cumprirá as regras das ceias judaicas, na sua maioria excludentes, por causa dos ritos e conceitos de puro e impuro, de rico e pobre, de homem ou mulher ou de hebreu e estrangeiro, mas esse incluirá gente de todas as tribos, línguas e povos (14,6), sem distinção de sexo ou raça, mas observando apenas se traz a marca do Cordeiro ou a marca da Besta (17,1-18).

E todos os tiverem acreditado nas palavras desse livro serão convidados ao banquete do Cordeiro, agora Rei e Senhor dos vivos e dos mortos.

---

<sup>62</sup> MAZZAROLO, I., *Apocalipse*, pp 96-97.

3.5. *Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição. Sobre ele a segunda morte não terá autoridade, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão [com Ele] por mil anos (20,6)*

<sup>20,6</sup> μακάριος καὶ ἅγιος ὁ ἔχων μέρος ἐν τῇ ἀναστάσει<sup>63</sup> τῇ πρώτῃ· ἐπὶ τούτων ὁ δεύτερος θάνατος οὐκ ἔχει ἐξουσίαν, ἀλλ' ἔσονται ἱερεῖς τοῦ θεοῦ καὶ τοῦ Χριστοῦ καὶ βασιλεύσουσιν μετ' αὐτοῦ [τὰ] χίλια ἔτη.

No verso 20,6 temos a mudança de μετ' αὐτοῦ por μετὰ ταῦτα (“com ele”, para, “depois disso”). Essa substituição altera bastante o sentido do verso, pois em lugar de afirmar que o vencedor vai reinar *com ele* (Cristo), irá reinar *depois disso* (mas sem indicar com quem?). Os testemunhos que sustentam a variante alternativa são muito insignificantes.

*Bem-aventurado aquele que tem parte na primeira ressurreição* - Haveria duas ressurreições? O que o nosso vidente estaria entendendo por *primeira ressurreição*? A dificuldade que se estabelece para o entendimento desta bem-aventurança é o conceito de morte e ressurreição. O vidente faz uma associação entre a primeira ressurreição e a segunda morte (20,6). Em outras passagens como 2,11; 20,14; 21,8, João fala da *primeira morte e a segunda morte*. Para tal, haveria duas mortes e duas ressurreições? O que estaria sendo entendido por primeira ressurreição?

Quando o autor aborda a questão da primeira morte (2,11) é razoavelmente fácil entender, pois se trata da morte corporal, do fim da fase terrena. Ao abordar a primeira ressurreição, que no sentido corporal, quer espiritual, sob os conceitos atuais, é bastante complicado. Para tentar entender melhor esse conceito de *primeira ressurreição*, buscamos em Cl 2,12-13; 3,1 uma possível solução.

Conforme Cl 2,12-13: “Sepultados com ele no batismo, com ele ainda ressuscitastes, visto que crestes na força de Deus que o ressuscitou dos mortos. E vós, que estáveis mortos por causa das vossas faltas e da incircuncisão da vossa carne, Deus vos deu a vida com ele; ele nos perdoou todas as nossas faltas”. Em Cl 3,1 encontramos: “Visto que ressuscitastes

<sup>63</sup> BAUER, W., Op. cit., “*anástasis*” é sempre uma indicação do conceito cristão de passagem da morte para a vida.

com Cristo, procurai o que está no alto, lá onde se encontra Cristo, sentado à direita de Deus”. Nessas duas passagens podemos vislumbrar um caminho de saída para a compreensão do conceito de *primeira ressurreição* (Ap 20,6).

A *primeira ressurreição* é o encontro com Cristo na vida, na fase terrena, no encontro da justiça do Reino de Deus e seus mandamentos. Essa ressurreição se constitui na capacidade e também na graça de conhecer Jesus e seu amor feito oferta, feito pagamento e feito resgate (cf. Mc 10,45). A primeira ressurreição seria a encarnação desse amor e a transformação do próprio corpo em oferta de resgate de outros (cf. Rm 12,1).

Essa é a bem-aventurança da primeira ressurreição se constitui na passagem da morte do pecado à “primeira vida” na graça de Cristo. Poderíamos considerar que aqueles que não encontram o amor teriam uma vida única na carne, enquanto que os que encontram o amor teriam duas: uma enquanto a vida no pecado e outra na graça, como sendo uma segunda vida ou segunda fase da vida carnal. A *segunda morte e a segunda ressurreição* (Ap 2,11; 20,14; 21,8) seriam a etapa definitiva do destino humano, os quais se constituem em um final feliz ou infeliz, dependendo de ter ou não ter acolhido a bem-aventurança da primeira ressurreição.

Esses serão sacerdotes de Deus e do Cristo, e reinarão com eles mil anos, isto é, um tempo sem conta, um tempo infinito, a própria eternidade. Essa será a sorte daqueles que na vida souberam santificar suas ações, suas opções e suas decisões. Como na vida foram ministros da palavra e da verdade, agora serão sacerdotes de Deus e de Cristo, um ministério régio e santo, para apascentar o rebanho do Pai e do Filho.

### 3.6. *Eis que eu venho em breve. Bem aventurado aquele que pratica<sup>64</sup> as palavras da profecia desse livro (22,7)*

<sup>22.7</sup> καὶ ἰδοὺ ἔρχομαι ταχύ. μακάριος ὁ τηρῶν τοὺς λόγους τῆς προφητείας τοῦ βιβλίου τούτου.

Essa expressão concorda com 16,15, mas aqui o estilo é coloquial entre o vidente e o Cordeiro que lhe faz as revelações.

<sup>64</sup> Traduzimos aqui o vocábulo grego τηρῶν por “praticar”, em virtude do contexto.

*Bem aventurado aquele que pratica*<sup>65</sup> *as palavras desse livro* - Ainda que o autor use o mesmo termo grego que em 1,3 “têrêô”, o qual pode ser entendido como *guardar*, mas nesse caso, preferimos traduzir por *praticar*.

O autor qualifica as palavras desse livro: elas são *proféticas*. A profecia exige uma atitude concreta, uma aplicação prática e decisões visíveis. Poderíamos, aqui, associar o verbo “têrêô” com o verbo “poiéô” – fazer, colocar em prática (cf. Mt 7,21). Trata-se de uma ação que exige urgência, visto que a visita será em breve (1,3; 22,10.12.20).

A visita será feita de surpresa e com ela a retribuição a cada um *segundo as suas obras* (22,12). Essa visita será também a purificação do ambiente e os cães, os magos, os impudicos, os idólatras, mentirosos e outros praticantes da maldade ficarão de fora (22,15). A justiça divina será feita a todos, segundo as suas práticas, e Deus terá critérios perfeitos para julgar, pesar e acolher ou despedir. Ele é o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim (22,13).

Essa última bem-aventurança (22,7) se coloca como chave para as outras. Trata-se de uma opção existencial, a ser feita no tempo da *primeira ressurreição* (20,6) e exige a consciência clara da opção pelas *palavras da profecia desse livro* (22,7), que trarão a vida e salvação diante do juízo e a *segunda morte* não fará mal (2,11; 20,6). As palavras não são de gênero poético, narrativo, histórico ou de outro qualquer, elas pertencem ao gênero da profecia, que tem por finalidade primordial *edificar a comunidade, construir a igreja e alicerçar o Evangelho* na vida concreta de cada dia (cf. 1Cor 14,4).

O tempo é breve, eu venho em breve e o juízo será acompanhado da minha visita. Quem praticar as palavras proféticas desse livro, estará praticando toda a profecia e com ele estará a certeza da acolhida na primeira ressurreição e na segunda de igual modo.

---

<sup>65</sup> O grego repete o mesmo lexema de 1,3, com o particípio de τηρέω: τηρών – guardar, velar, observar, conservar e praticar. No contexto desse lexema, entendemos que a melhor tradução seja “praticar”, pois as palavras do livro são proféticas. A profecia tem um sentido claro de acontecimento, historicização e “práxis”.

3.7. *Bem-aventurados os que lavam suas vestes a fim de ter autoridade sobre a árvore da vida e entrar na cidade pelas portas (22,14)*

<sup>22,14</sup> Μακάριοι οἱ πλύνοντες τὰς στολὰς αὐτῶν, ἵνα ἔσται ἡ ἐξουσία αὐτῶν ἐπὶ τὸ ξύλον τῆς ζωῆς καὶ τοῖς πυλῶσιν εἰσέλθωσιν εἰς τὴν πόλιν.

Do ponto de vista da crítica textual encontramos uma variante significativa: em lugar de πλύνοντες τὰς στολὰς αὐτῶν (os que lavam suas vestes) está ποιῶντες τὰς ἐντολὰς αὐτοῦ (os que praticam os mandamentos dele, atestado no Majoritário e outros pequenos, inclusive em Tertuliano). Por outro lado, pode-se entender como uma sinonímia *praticar os mandamentos e lavar as vestes*. Em 7,13-14, os são trajados com vestes brancas são identificados como aqueles que vieram da grande tribulação, lavaram e alvejaram suas vestes no sangue do Cordeiro. Fazer ou praticar os mandamentos é assumir o testemunho que, não raro, passa pela tribulação.

*Lavar as vestes* é mudar de perspectiva. Se lavar significa purificar, tirar, limpar, e para tanto é necessário ter água, sabão e boa vontade, o que será necessário para lavar as “vestes da vida”, da conduta, da moral e do testemunho? Muito mais que água: será necessário ter o conhecimento da Palavra, ter escutado a palavra da profecia e ter colocado seus ensinamentos em prática a cada momento da vida.

Por isso lavar as vestes pode ser associado com praticar os mandamentos. Na advertência que Jesus faz aos seus discípulos e aos ouvintes afirma: “Se a vossa justiça não for superior à dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino do Céus” (Mt 5,20). Lavar as vestes é purificar todos os sentimentos de impureza social, política, antropológica e religiosa que afetam a justiça. Quem pratica a injustiça, a cobiça, a mentira e outras coisas semelhantes está com suas vestes imundas. Quem pratica a mentira, a idolatria, a magia e o assassinato estará fora da cidade de Deus (Ap 22,15).

Por outro lado, a árvore da vida frutifica doze vezes por ano, ou seja, todo o tempo (22,2). Os que terão autoridade sobre essa árvore reinarão com ele para sempre. Esses poderão entrar na cidade santa, a cidade do Cordeiro pelas portas, pois suas vestes lavadas e as fronteiras marcadas são as credenciais do ingresso. Esses não serão estranhos, mas filhos do Pai,

co-herdeiros com o Filho (cf. Jo 1,12), por que testemunharam as palavras da profecia e foram fiéis ao Cordeiro.

A árvore da vida é a Lei, não mais a das tábuas de pedra da lei antiga, mas nas tábuas do coração daqueles que foram capazes de lavar os pés uns dos outros e de assumir o amor como mandamento único (cf. Jo 13,1-35). A árvore da vida tem frutos abundantes e permanentes, não são como aquela figueira cheia de folhas, mas apenas com folhas, e que Jesus amaldiçoou (Mt 21,18-24). Essa figueira estéril é a metáfora da cidade de Jerusalém que até aquele momento ainda cultivava o ódio, a violência e hipocrisia religiosa. Os profetas tinham silenciado, as profecias retardadas e a justiça absolutamente ausente.

A figueira é a metáfora do paradoxo se confrontada com a árvore da vida. Na figueira está a representação da esterilidade, da ineficiência e da anulação de uma missão. Na árvore da vida está a abundância, a saciedade e a generosidade (22,17). Ao escrever à igreja de Éfeso (2,7), João afirma que o vencedor receberia a permissão de comer da árvore da vida. No Gênesis, os seres humanos não deveria comer da árvore da vida, pois seria uma usurpação e uma afronta a Deus (Gn 2,9).

A árvore da vida, que representava a Lei, deveria ser respeitada e não destruída. A Lei, os mandamentos, os ensinamentos dos profetas e de Jesus deveriam ser colocados em prática e não alterados. Assim, colocar em prática os mandamentos, respeitar a árvore da vida é *lavar as vestes*, tornar a conduta digna da aproximação com Deus. E quem pratica os mandamentos enche sua vida de frutos do amor, doação, solidariedade. Quem se aproxima dos mandamentos faz como Jesus fez: Não busca ser servido, mas procura servir e dar a vida em libação por muitos (Mc 10,45).

Só quem lava suas vestes no testemunho, no sangue, na imolação de si próprio como oblação de libertação (Rm 12,1) alcança o direito de participar da árvore da vida, recebe a autoridade de reinar com o Cordeiro e entrar na cidade pelas portas (22,14). Os outros, tentarão subir pelas muralhas como ladrões e assaltantes (Jo 10,1), mas não conseguirão, pois as suas muralhas e os seus portões são inexpugnáveis.

E aqueles que tiverem lavado suas vestes na prática dos mandamentos e no testemunho do Evangelho ouvirão a voz do Espírito que lhes diz: Vem!

(22,17). Esses encontrarão a abundância e a graça, a vida e o reinado, o poder e a majestade na festa de núpcias do Cordeiro (19,7).

O autor nos apresenta as bem-aventuranças paulatinamente a fim de manter seus ouvintes ligados nas etapas de sua visão e confiantes nas palavras desse livro, como sendo palavras *autênticas de Deus* (19,9).

As cidades antigas e suas casas tinham portas seguras e portões reforçados (21,9-23). Galgar pelas muralhas era difícil e perigoso. Assim, mesmo que a vida oferecesse dificuldades, o autor, nas suas visões, estimula o ouvinte e busca persuadi-lo a enfrentar a tribulação, a resistir na profecia e ser corajoso no testemunho a fim de poder ter parte na *árvore da vida* que dá frutos nos doze meses do ano. A tribulação e o sofrimento não eram uma proposta aos fiéis ao Cordeiro, mas eles seriam conseqüências para todos os que se opusessem à Besta e seus aliados (7,14)

O verso seguinte 22,15 coloca os que estarão fora dos portões da cidade de Deus: Os cães, os mágicos, os impudicos, os homicidas, os ídólatras e todos os que amam ou praticam a mentira.

No limiar do fechamento das “portas da redenção” estão as pragas da condenação. Bem-aventurados os que no percurso de suas vidas acreditaram, amaram, perdoaram, justificaram e entregaram seus corpos como oferendas de agradável perfume no sacrifício do altar do mundo, pois eles estarão credenciados a entrar na cidade santa, onde não haverá mais luto, não haverá maldições. Feliz o que fez as sete etapas das bem-aventuranças pois o Senhor da vida o convidará para estar na sua casa.

## 5. O TEMPO ESTÁ PRÓXIMO

A cifra de tempo não é cronológica, mas situacional, cósmica. O tempo, na esfera do *kairós*, não é mensurado cronometricamente, mas é percebido pelos sinais, que podem ser mais imediatos ou mais remotos. *Καίρως* tem quatro sentidos primordiais: 1. tempo oportuno, justa medida, situação conveniente; 2. conjunção de situações favoráveis ou não; 3. tempo no qual se estabelece uma relevância ou importância; 4. tempo útil ou vantajoso.<sup>66</sup>

<sup>66</sup> BONAZZI, B., *Dizionario greco-italiano*, Napoli, Morano editore, 1943.

Καιρός encontra-se também com prefixos εϋ, α, προς como a εὐκαιρία (Lc 22,6); προσκαιρός (Mc 4,17); ἀκαιρως (2Tm 4,2). Num conceito genérico, *kairós* pode estar relacionado com *kronos*, enquanto o tempo, o fato ou o momento também podem ser determinados, no seu acontecer, dentro de uma medida cronológica.<sup>67</sup> Ainda que *kairós* pertença, do ponto de vista do sentido, a uma esfera escatológica, a uma realidade transcendente, ele está sempre vinculado aos tempos e momentos da história. O que vai acontecer, de modo não cronometrado e sem estipulação de tempo, terá implicações diretas com os habitantes sobre a terra e de modo particular com os que estão dos dois lados da história: os perseguidos e os perseguidores.

A brevidade do tempo pode ser apenas uma questão das inseguranças da vida. Ninguém tem certificado de garantia, certificado de qualidade ou seguro de vida por tempo determinado. O fim do mundo pode tardar, mas o fim da vida de uma pessoa, pode ser imediato. Em detrimento desta brevidade da vida, urge aos cristãos acolherem essa revelação, transformarem essa mensagem em realidade de resistência, profecia e esperança dentro de suas comunidades e famílias. Não havia garantias individuais ou coletivas diante da fúria da sinagoga (Ap 2,9; 3,9) e do império que representava uma besta invencível, com sete cabeças e dez chifres (Ap 13,1). Os cristãos viviam sob a égide das suspeitas, das “entregas” por dinheiro, das denúncias vazias, e isto acarretava danos irreparáveis às famílias e às comunidades recém nascidas. Essa insegurança tornava mais urgente o entendimento, a solidariedade na decodificação da mensagem e o comprometimento recíproco com a palavra da profecia. O tempo do mundo e da besta podem ser mais longos, mas o de entender essa revelação era imediato.

## CONCLUSÃO

O Apocalipse se situa na vertente das profecias antigas, mas com características mais explícitas quanto às exigências do tempo presente de seus ouvintes.<sup>68</sup> O autor, através da visão e da revelação, está buscando criar

<sup>67</sup> BAUMGARTEN, J. “καιρός”, in, Balz, H., Schneider, G., *Exegetisches Wörterbuch zum NT*, op. cit.

<sup>68</sup> Discordamos aqui, radicalmente, da opinião de P. Prigent, cujo autor respeitamos muito, mas ao afirmar que essa profecia precisa ser vista no âmbito cultural, ele concorda com U. Vanni, mas não com o autor do texto. Nesta afirmação, P. Prigent anula ou descontextualiza

nos seus *leitores* (conhecedores de leitura, que sabem ler) e nos ouvintes, não apenas simpatia, aceitação, mas uma resposta imperativa de compromisso com a palavra do livro que estava escrevendo. Os bem-aventurados não são privilegiados, são compromissados em dobro, enquanto possuem capacidades, talvez acima da média da época, para entender e repassar aos outros, o sentido da visão e das lições da mesma.

No aspecto teológico, a visão centraliza a revelação em Jesus Cristo, figura de múltiplas rejeições e ataques dos opositores do cristianismo, dificultando a caminhada de unidade, o testemunho de fé e o compromisso com o Evangelho, por parte dos iniciantes e também dos já iniciados nesta nova religião.

As bem-aventuranças no Apocalipse revelam o clima de esperança e coragem que o vidente desse livro manifesta aos seus leitores. Longe de ser um livro do caos ele é um apelo a todos para a resistência profética e a fé concreta na esperança de dias melhores, aqui, em primeiro lugar e no além, depois. Distribuindo as sete bem-aventuranças, ao longo do livro, João expressa muita confiança nas lutas de cada dia a fim de persuadir seus leitores a uma nova responsabilidade na transformação da realidade.

**Isidoro Mazzarolo**

*PhD em Ciências Bíblicas pela Ecôle Biblique et Archéologique de Jerusalém.*

*Professor de exegese bíblica na PUC-Rio, ITF de Petrópolis/RJ.*

## BIBLIOGRAFIA

- ARENS, E., DIAZ, Manuel M., O apocalipse, a força da esperança – estudo, leitura e comentário, São Paulo, Loyola, 2004.
- BALZ, H., “ἀναγιγνώσκω”, in, Balz/Schneider, Exegetisches Wörterbuch z. NT, Band I, Stuttgart, Kohlhammer, 1980.
- BLASS, F., DEBRUNNER, A., Grammatik des neutestamentlichen Griechisch, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1984
- BODRIÑAN, Cláudio, Apocalise, uma lectura sociopolítica, Roma, Gregoriana, 1993

---

todo o livro de seu ambiente histórico, político e religioso em que nasceu (cf. P. Prigent, *l'Apocalisse di S. Giovanni*, Roma, Borla, 1985, p. 26).

- BONAZZI, Benedetto, “δῆ” in: *Dizionario greco-italiano*, Napoli, Alberto Morano editore, 1943.
- BROER, I, “ἀγγελός”, in: BALZ, H., SCHEIDER, G., (org.), *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, Band II, Stuttgart, Kohlhammer, 1981
- CHARLLES, R. H., *A critical and exegetical commentary on the Revelation of St. John*, Edinburg, T&T Clark, v. 1 (1985), v.2 (1989).
- CHEERBRANDT, A., CHEVALLIER, H., *Dicionário de símbolos*, Rio de Janeiro, José Olympio, 8ª. 1994.
- DATTLER, F., *O livro da revelação, comentário ao Apocalipse*, São Paulo, Loyola, 1977.
- GLASSON, T.F., *The Revelation of John*, Cambridge, University Press, 1965.
- HAHN, F., “Χριστός”, in BALZ, H., SCHNEIDER, G., (Org.), *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, Band I, Stuttgart, Berlin, Kohlhammer, 1980.
- HAMILTON, V.P., משיח in: HARRIS, R., L., et. alii, *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*, São Paulo, Vida Nova, 1998.
- HOLTZ, T. “Ἀποκάλυψις”, in BALZ, H., SCNEIDER, G., (Org.), *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, Band I, Stuttgart, Berlin, Kohlhammer, 1980.
- ILLUSTRATED DICTIONARY & CONCORDANCE OF THE BIBLE, “Revelation”, New York/London, Macmillan Publishing Company, 1986.
- KRATZ, R., “τηρέω”, in, Balz, H., Schneider, G., *Exegetisches Wörterbuch zum NT*, Stuttgart, Kohlhammer, 1981.
- KÜMMEL, G. W., *Síntese teológica do Novo Testamento de acordo com as testemunhas principais – Jesus, Paulo e João*, São Paulo, Teológica/Paulus, 2003
- LÄPPLE, A., *l’Apocalypse de Jean*, Paris, Cerf, 1970.
- MAZZAROLO, I, *Apocalipse, esoterismo, profecia ou resistência?* Rio de Janeiro, Mazzarolo editor, 2000.
- PRIDIK, K. H., “ταχέως”, in: BALZ, H., SCHEIDER, G., (org.), *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, Band II, Stuttgart, Kohlhammer, 1981.
- PRIGENT, P. *l’Apocalisse di S. Giovanni*, Roma, Borla, 1985.
- TRITES, A. A., “Testemunha”, in: COENEN, L., BROWN, C., *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, São Paulo, Vida Nova, 2000.
- VIELHAUER, P., *História da literatura cristã primitiva, Introdução ao NT, aos apócrifos e aos pais apostólicos*, São Paulo, A Cristã, 2005.